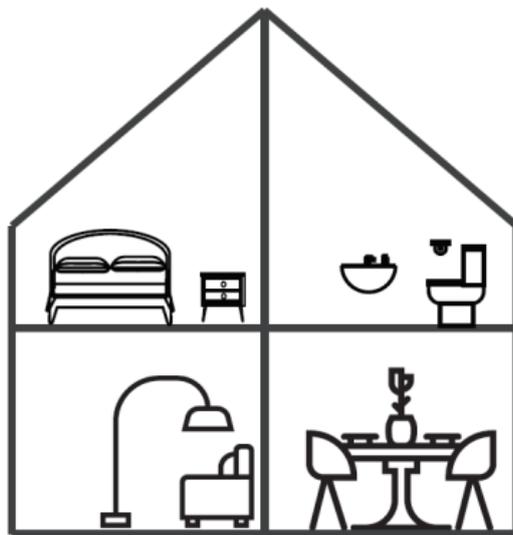


UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Arquitetura da UFMG
Especialização em Sustentabilidade em Cidades, Edificações e Produtos

Giselle Viana Abreu



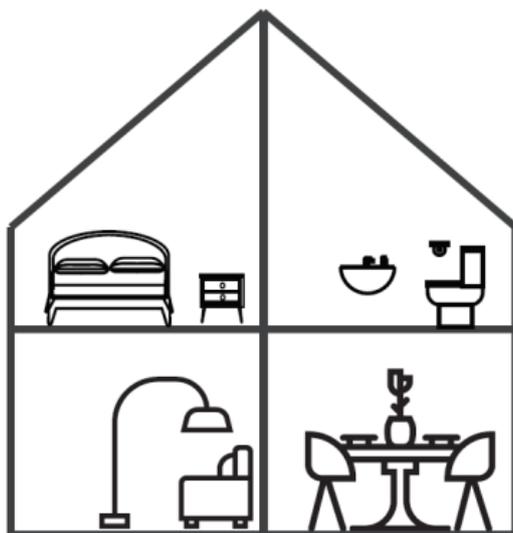
A CASA

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO RESIDENCIAL:

A Residência Bias Fortes como reflexo da inovação tecnológica e social no início do século XX em Barbacena (M.G.).

Belo Horizonte
2021

Giselle Viana Abreu



A CASA

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO RESIDENCIAL:

A Residência Bias Fortes como reflexo da inovação tecnológica e social no início do século XX em Barbacena (M.G.).

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Sustentabilidade em Cidades, Edificações e Produtos, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Sustentabilidade em cidades, edificações e produtos.

Orientadora: Maria Luiza de Castro.

Belo Horizonte
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

A162e

Abreu, Giselle Viana.

A evolução do espaço residencial [manuscrito] : a residência Bias Fortes como reflexo da inovação tecnológica e social no início do século XX em Barbacena (MG) / Giselle Viana Abreu. - 2021.

79 f.: il.

Orientadora: Maria Luiza Almeida Cunha de Castro.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Arquitetura residencial. 2. Usos e costumes. 3. Estilo de vida. 4. Barbacena (MG). I. Castro, Maria Luiza Almeida Cunha de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 728



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA - EAUFMG
Rua Paraíba, 697 – Funcionários
30130-140 – Belo Horizonte – MG - Brasil

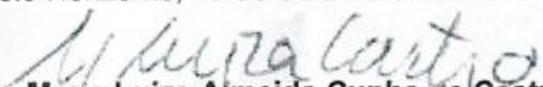
Telefone: (031) 3409-8823

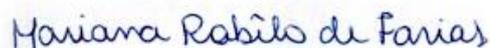
FAX (031) 3409-8822

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO EXAMINADORA DE TRABALHO DE MONOGRAFIA DA GISELLE VIANA ABREU COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE EM CIDADES, EDIFICAÇÕES E PRODUTOS.

Às 14:30 horas do dia 10 de setembro de 2021, reuniu-se em teleconferência privada, devido ao COVID-19, a Comissão Examinadora composta pela Profa. Maria Luiza Almeida Cunha de Castro-Orientadora-Presidente e pela mestrande Mariana Rabelo, designada pela Comissão Coordenadora do Curso de Especialização em Sustentabilidade em Cidades, Edificações e Produtos, para avaliação da monografia intitulada “A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO RESIDENCIAL: A Residência Bias Fortes como reflexo da inovação tecnológica e social no início do século XX em Barbacena (M.G.)” de autoria da aluna Giselle Viana Abreu, como requisito final para obtenção do Certificado de Especialista em Sustentabilidade em Cidades, Edificações e Produtos. A citada Comissão examinou o trabalho e, por unanimidade, concluiu que a monografia atende às exigências para a obtenção do Certificado de Conclusão do Curso, atribuindo ao trabalho nota 85/conceito B. A Comissão recomenda que seja encaminhado 01(hum) exemplar digital ao Repositório da UFMG, após as correções sugeridas.

Belo Horizonte, 10 de Setembro de 2021


Profa. Maria Luiza Almeida Cunha de Castro
Orientadora-Presidente


Mariana Rabelo
Membro Titular Externo

*“A história da vida privada é um relato do
prolongado esforço de se sentir confortável”.*

Bill Bryson (2011)

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à Deus, cujo sopro de vida me concedeu gratuitamente, por Seu amor e misericórdia infinita.

Aos meus pais, Marlene e Nicanor, que sempre foram meu apoio, motivando e incentivando em cada passo nessa jornada. E meus irmãos pela cumplicidade e afeto.

Ao meu noivo Fabrício, por todo apoio, paciência e companheirismo ao longo deste tempo.

À professora Maria Luiza, minha orientadora na especialização, que contribuiu com seu valioso conhecimento para o tema desta pesquisa, por sua disponibilidade e dedicação.

À família Bias Fortes, que permitiram o acesso a casa em estudo, contribuindo com entrevista e dados para a melhor realização deste trabalho.

À UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, pelo ensino de qualidade proporcionado, aos professores e à secretária, Ana Maria, por sua dedicação e trabalho prestados.

Aos colegas de profissão que ao longo do curso trocaram conhecimento e dificuldades, fazendo este caminho mais leve.

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta e indireta para o resultado final deste trabalho.

Obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa estuda o espaço doméstico a partir de um olhar voltado para a sua organização, investigando as transformações pelas quais passou e suas correlações com as mudanças sociais e tecnológicas desde o final do século XIX até o início do século XX. O objetivo deste trabalho é reunir, através de pesquisa em diferentes publicações e de um estudo de caso, dados que contribuam para o entendimento da evolução da residência, do ponto de vista da organização do espaço. Apresenta-se, em contraponto com um modelo colonial, no qual a vida íntima e o conforto não eram valorizados, as mudanças que começaram a ser introduzidas no século XIX: com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, a abertura dos portos e a chegada de diferentes inovações resultantes da Revolução Industrial, as transformações inicialmente são pautadas por novas formas de ocupação do espaço. É só mais tarde que elas se materializam em mudanças efetivas nas plantas e organização dos cômodos nas casas. O objeto de estudo de caso foi um sobrado do início do século XX. Por meio de levantamento bibliográfico, levantamento fotográfico e de uma entrevista semiestruturada de cunho exploratório foram levantados dados sobre a tecnologia da construção e a distribuição dos espaços, em correlação com as formas de sua apropriação, com enfoque nas modificações da forma de morar e distribuição dos espaços. Destaca-se, neste sentido, a adoção de novas condutas de higiene, contribuindo para a renovação do espaço doméstico que, pela tecnologia, passa a depender de um “sistema” de infraestrutura destinado a articular, de uma forma inédita, o espaço privado ao espaço público.

Palavras-chave: arquitetura, evolução da casa, costumes sociais, transformações, setorização.

ABSTRACT

This research studies the domestic space from an organizational perspective, investigating the transformations it has undergone and its correlations with social and technological changes from the late nineteenth century to the beginning of the twentieth century. The present work aims to gather data that allow understanding the evolution of the residence, in terms of space organization, through research in different publications along with a case study. The study presents the changes that began to be introduced in the nineteenth century with the arrival of the Portuguese court in Brazil, the opening of ports and the different innovations resulting from the Industrial Revolution, in contrast to a colonial model, in which intimate life and the comfort were not valued. The transformations are initially guided by new forms of space occupation and later materialize in effective changes in house plans and room organization. The case study object was a townhouse from the beginning of the twentieth century. Through a bibliographic and photographic survey and a semi-structured exploratory interview, data were collected on the technology of house construction and the distribution of spaces, in correlation with the forms of appropriation, focusing on changes in the way of living. Thus, the implementation of new hygiene behaviors stands out, contributing to the renovation of the domestic space, which depends on an infrastructure system designed to articulate private and public spaces in an unprecedented way through technology.

Key words: architecture, residence evolution, social habits, transformation, sectorization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Minas Gerais localizando a cidade de Barbacena	40
Figura 2: Delimitação do Centro da cidade de Barbacena e localização do Solar dos Bias Fortes	43
Figura 3: Delimitação dos limites da propriedade e seu entorno	44
Figura 4: Reunião de lideranças políticas em frente ao Solar Bias Fortes	45
Figura 5: Solar dos Bias Fortes	46
Figura 6: Desenho de vista superior do Solar dos Bias Fortes	47
Figura 7: Planta baixa dos dois pavimentos do Solar dos Bias Fortes	48
Figura 8: Plantas baixas com marcação de setores	49
Figura 9: Acesso principal pela escada escultural, externa à casa.....	51
Figura 10: Acesso de serviço, por escada aos fundos casa	52
Figura 11: Os três acessos indicados em planta	53
Figura 12: Vista superior do Solar dos Bias Fortes	54
Figura 13: Acesso ao porão sob escada externa	57
Figura 14: Planta baixa do porão	57
Figura 15: Cozinha, no segundo pavimento, com janelas para o quintal	58
Figura 16: Cozinha com azulejos e água encanada	58
Figura 17: Planta baixa do quarto do casal.....	60
Figura 18: Quarto do casal, e vista da porta do <i>boudoir</i>	60
Figura 19: A esquerda móvel com gomil apoiado e a direita penteadeira	61
Figura 20: Planta baixa do banheiro do pavimento térreo	63
Figura 21: Planta baixa do banheiro do segundo pavimento	63
Figura 22: Banheiro do segundo pavimento, separado do vaso sanitário	64
Figura 23: Lavatório externo ao banheiro no segundo pavimento	65
Figura 24: Teto da sala visitas no segundo pavimento	66
Figura 25: Sala visitas no segundo pavimento	67
Figura 26: Sala de jantar no segundo pavimento	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico do IDH da cidade de Barbacena de 1991 à 2010.....	40
Gráfico 2: Temperatura média de Barbacena ao longo do ano	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FAB	Força Aérea Brasileira
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Objetivos	14
CAPÍTULO 1 - A vida privada: algumas reflexões sobre a família brasileira	16
CAPÍTULO 2 - A inovação do final do século XIX e a especialização dos espaços residenciais	20
CAPÍTULO 3 - A casa do século XX com espaços mais consolidados	29
3.1 - A busca pela privacidade	34
3.2 - A busca pelo conforto	36
CAPÍTULO 4 - Estudo de caso	39
4.1 - A cidade de Barbacena	40
4.2 - Solar dos Bias Fortes, 1915, Barbacena- MG	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
APÊNDICE 1: ENTREVISTA	72
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

Referenciando Ramos (2004, p.61), a casa é o local específico da habitação humana, além de ser abrigo é também a formadora da nossa identidade. Ela é o espaço de referência da nossa ação. Para ele o espaço articula-se em três chaves: desejo, regra e tempo.

Desejo, porque a casa é projeção do sujeito, seu reflexo narcísico, reflexo de uma imagem pretendida ou sonhada [...] Regra, porque é território de convergência de ordenações técnicas, sociais e culturais [...] Tempo, porque “a vida é um contínuo fluir de experiências; cada ato ou momento de tempo é percebido por uma prévia experiência e transforma-se no limiar para experiência histórica futura” (GIEDION, 1982, p. XX, apud RAMOS, 2004, p.61).

Isso nos remete a ideia de que a casa reflete o indivíduo e está ligada diretamente à sua identidade, pois sabe-se que é o primeiro espaço onde experiência o cotidiano e se forma a ideia de mundo.

Todavia, para Veríssimo e Bittar (1999) a consolidação da casa está ligada à constituição da família, sendo assim seu reflexo:

[...], a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora. Assim, comentar a evolução do espaço de morar é percorrer os corredores das transformações da família brasileira ao longo destes cinco séculos[...]. (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p. 21).

Tratar-se-á no presente trabalho da relação entre o espaço residencial da casa e as transformações ocorridas no final do século XIX e início do século XX, resultando em uma configuração de espaço usual ainda nos dias atuais e reproduzida pelos profissionais da arquitetura. O presente estudo tem por objetivo estudar a casa através de um olhar sobre as formas de organização do espaço em suas relações com as formas de viver e não voltar-se para as questões de estilo arquitetônico, estéticas ou de técnicas construtivas, a não ser que tais pontos revelem questões sociais importantes. Portanto, buscar, através de fragmentos históricos analisados no período em foco, uma melhor compreensão da relação casa, moradores e sociedade.

Para tanto procurou-se estabelecer uma relação entre o espaço residencial e as relações da vida privada, como um meio de tomar conhecimento das configurações que já possuíram este espaço, mudanças pelas quais passou, bem como o contexto de sua inserção.

Ser abrigo é a principal demanda da casa, porém toda esta diversidade de composição espacial em seu histórico está relacionada a aspectos culturais de

um povo em um determinado tempo. Para Santos (2011): Questões como clima, materiais disponíveis, solo, tecnologia, também são fatores que influenciaram diretamente na conformação deste espaço.

Outras variáveis, somadas a estas, também influenciaram diretamente na organização espacial da moradia e da sociedade em cada época, como o tipo de atividade econômica predominante que gerava a demanda por espaços específicos na residência; ou, como a religião e a existência de espaços sagrados nas residências, ou outro tipo de influência ligada a esta questão. Ou ainda a organização da estrutura familiar, que foi um elemento importante que moldou e molda a casa até mesmo nos dias atuais.

Mediante os pontos citados anteriormente, podemos afirmar que a casa se torna este elemento fundamental de cada sociedade pois está interligada a diversos aspectos da vida das pessoas. Segundo Santos (2011), a casa é o edifício que abriga o indivíduo e a família, e simultaneamente, participa do diálogo entre pessoas e sua cultura.

A casa brasileira passou por algumas transformações ao longo dos séculos, foram uma série de acontecimentos de ordem política, social e econômica que influenciaram a produção arquitetônica de cada época. Por isso o primeiro capítulo aborda de forma geral a vida privada no Brasil.

Em seguida, no capítulo dois, o foco se firmou sobre o estudo e análise das transformações tecnológicas e sociais ocorridas no século XIX em suas relações com a configuração do espaço doméstico, com o intuito de compreender melhor as mudanças posteriores. Ao final deste século, nota-se uma inovação na forma de morar, destacando-se, principalmente a especialização dos ambientes, pela qual cada cômodo da casa começa a ser produzido para uma função específica, diferente do que acontecia anteriormente.

Com a consolidação de aspectos da vida privada, tais como demandas de privacidade, intimidade e conforto, caminhando para o século XX, encontram-se espaços com uso mais definido dentro do espaço residencial, tema abordado no capítulo três deste trabalho. A configuração tripartida da casa, teve início somente em meados de 1900 (VESPUCCI,2017). É possível distinguir, a partir deste momento, uma setorização: setor social, setor íntimo e setor de serviço. Desta forma, neste trabalho, procurou-se fazer uma análise de como se deu esta setorização, a consolidação da privacidade, da vida íntima e da busca pelo conforto.

O capítulo quatro deste trabalho procura identificar as características relatadas anteriormente por meio de um Estudo de caso: o objetivo foi produzir uma

investigação a partir da análise do espaço em uma residência datada do ano de 1915, em Barbacena-MG, que permanece inalterada em seus cômodos e mobílias, facilitando a compreensão do uso específico dos ambientes na época.

Para os capítulos iniciais, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando fontes relativas às relações sociais no espaço e à vida privada, incluindo livros (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999; ZABALBEASCOA, 2013, entre outros); e artigos em periódicos, com destaque para: SANTOS, 2011; RAMOS, 2004; MEIRELLES, 2015. Procurou-se realizar uma síntese da evolução do espaço residencial no final do século XIX e início do XX, identificando a origem de algumas configurações que permanecem em determinados contextos até o século XXI.

O Estudo de caso foi realizado em uma residência do início do século XX em Barbacena, escolhida pelo fato de apresentar dispositivos espaciais e tecnológicos que materializavam os anseios e as possibilidades da época e de ainda permanecer inalterada em sua distribuição de espaço e mobílias. Para isso realizou-se uma visita ao local para levantamento fotográfico e levantamento métrico para elaboração de plantas baixas dos pavimentos da casa. Analisou-se também documentos relativos ao tombamento do imóvel a no nível municipal, para conseguir mais informações sobre a edificação. Também foi analisado um livro do Centenário de José Francisco Bias Fortes, primeiro proprietário do imóvel. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa portanto realizou-se uma entrevista com um descendente direto do primeiro morador da edificação, um de seus bisnetos, cujas histórias e lembranças foram passadas por estas três gerações. A entrevista foi realizada no dia vinte um de janeiro do ano de 2021, e ocorreu concomitantemente com uma visita à própria edificação. O roteiro foi organizado em torno de questões sobre cada cômodo do solar, as suas peculiaridades e as formas de ocupação.

OBJETIVOS:

OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo investigar as transformações do espaço residencial ocorridas no final do século XIX e início do século XX, apontando quais foram e seus principais agentes catalisadores, buscando, através de fatos históricos e sociais analisados, uma melhor compreensão da relação casa , moradores e sociedade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançar o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram propostos:

- Levantar aspectos da vida privada brasileira no período colonial que influenciaram na configuração do espaço doméstico da época;

- Identificar mudanças tecnológicas e nas formas de viver que tiveram impacto na configuração do espaço doméstico no Brasil ao longo do século XIX e início do século XX;

- Realizar um estudo de caso em uma residência que data do início do século XX, o Solar da família Bias Fortes, localizado na cidade de Barbacena para identificar aspectos que possam confirmar as questões levantadas nos capítulos teóricos.

CAPÍTULO 1 - A VIDA PRIVADA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA BRASILEIRA

Quando os portugueses, em 1500, avistaram o litoral brasileiro, viram um local propício para expansão de sua cultura. A colonização se inicia efetivamente 30 anos depois, os colonizadores trazem consigo sua bagagem cultural e suas formas de morar. Porém em se tratando de um clima tropical, alguns pontos da moradia são ajustados e o português aprende com o índio algumas estratégias para conforto e ventilação: o português foi uma espécie de coordenador da forma de morar no “novo mundo” (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999). Entende-se como privado tudo aquilo que não é público, na língua portuguesa é sinônimo de particular. Porém, para entender a vida privada e seus reflexos na forma de morar, é necessário abranger a relação entre o público e privado.

Contudo, vale considerar que, embora distintos, espaços público e privado estiveram historicamente articulados em sua dimensão concreta, ainda que ideologicamente representados como distantes e separados pela proposta política liberal. Homens e mulheres participavam das duas esferas, ainda que de formas distintas, o que não significa dizer que a mulher estava exclusivamente reclusa no lar, transitando pelas duas esferas, embora de maneira não explícita ou ostensiva. (NOVAES, 2014, p. 55)

Partindo desta perspectiva não se pode tratar o público e o privado de maneira dicotômica, mas em constante relação, pois segundo o autor acima citado, os dois se articulam concretamente. No que diz respeito ao Brasil e América, quando o “novo mundo” surgiu no mapa, já havia uma civilização estruturada na Europa, e o jeito de se viver em Portugal refletiu diretamente em suas colônias. Porém a vida na colônia portuguesa tinha algumas especificidades. Para Fernando Novais:

Reconstruir, portanto, a história da vida privada no Brasil Colônia implica tentar surpreender um processo em gestação, na sua própria constituição e especificidade. O autor ainda afirma que: no contexto da colonização, portanto, a privacidade vai abrindo caminho não só em contraponto com a formação do Estado, mas ainda com a gestação da nacionalidade (NOVAIS, 2018, p.17)

Trazendo a discussão de público/privado para o primórdios do Brasil Colônia, a partir do século XVI, alguns autores relatam que foi uma época marcada por isolamento e uma forma precária de vivência, pois se tratava de um vasto território, porém, pouco povoado, não havendo uma vida efetivamente pública:

Só se pode falar em vida privada a partir do século XIX, como decorrência das revoluções liberais. Desse modo, no Brasil colônia, parece ser possível somente falar de uma “pré-história da vida privada”, ressaltando as especificidades da vida na colônia portuguesa (NOVAIS, 1998, apud NOVAES, 2014, p. 55).

Além da desvalorização da vida íntima, com espaços poucos confortáveis, que não contribuía diretamente para as relações familiares no espaço doméstico:

Em decorrência do caráter provisório e passageiro da vida dos colonos, havia um reduzido interesse dedicado à vida íntima (o que era reforçado pela falta de tempo livre e de recursos financeiros que permitissem investir em móveis e conforto doméstico). Caracterizava-se uma sociedade marcada pela restrita sociabilidade doméstica, pelo isolamento e pela solidão, estabelecendo uma contradição: o isolamento dos colonos podia tanto incentivar a intimidade quanto impedi-la (ALGRANTI, 1997, apud NOVAES, 2014, p. 55).

Tal desconforto interno nas casas citado por ALGRANTI (1997), levava as pessoas para o exterior, especialmente nas casas mais simples e pequenas, que abrigavam um grande número de familiares, o que limitava a questão da privacidade, não sobrando espaço para a intimidade ou culto do individual, desenvolvendo-se grande parte das relações externas à casa.

Além disso, até o século XIX, o Brasil não viu a separação entre o morar e o produzir, apresentando um conjunto de moradias, oficinas, oratórios, habitações de escravos, desconstruindo a ideia das “casas de vivenda” como um local exclusivamente privado (VAINFAS, 1998, apud NOVAES, 2014, p. 56).

Tratava-se então, neste período do início do Brasil Colônia, de um contexto em que as casas estavam mais abertas ao “público” e para quem por ali passasse, ou ainda buscasse algum serviço, tendo-se pouco definido a ideia de intimidade e privacidade.

Para Correia (2004) e Lemos (1989) já no período colonial brasileiro há referências de viajantes que deram à casa o sentido de santuário doméstico, lugar da família, onde ela se realiza e fortalece, apropriado à constituição de um lar, instrumento valioso ao fortalecimento dos laços familiares. Já a privacidade era associada a posição social, havia ainda nesta época lugar diferente para empregados e patrões, para donos e escravizados.

Longe de ser apenas um simples cenário onde se desenrola a vida privada ou uma peculiar junção de “arte e técnica”, o projeto habitacional traz em si implicações profundas sobre as pessoas e atividades que vai abrigar. A moradia é elemento da organização social, que ao longo do tempo incorpora significados diversos (CORREIA, 2004, p. 47).

A família brasileira no período colonial, para Veríssimo e Bittar (1999), pode ser definida por um modelo que se desenvolveu na área rural, que era a base da economia naquela época. Nesta estrutura familiar o homem não só era o

chefe da família, que todos deveriam obedecer, era também o dono do latifúndio e dos escravizados.

No modelo patriarcal latifundiário, a mulher não desenvolvia basicamente nenhum papel nas relações sociais, vivia de forma mais reclusa, com restrições até mesmo nos espaços domiciliares, principalmente as de classe mais alta. Já as mulheres de classe baixa ou escravizadas precisavam circular um pouco mais, tendo um pouco mais de sociabilidade, saíam para realizar tarefas que foram designadas ou para contribuir no sustento da família. A moradia resultante deste modelo de família foram as casas-grandes:

O resultado espacial dessas condicionantes é a casa-grande do engenho monocultor, primeira forma consolidada de moradia do colonizador. De partido variado, conforme a época e a geografia, mantinha em comum a presença da varanda como forma de vigília, controle e amenização climática. (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p. 22).

Posteriormente esse modelo de família foi transferido para as cidades e inicialmente não sofreu muitas alterações, seguia-se na vida urbana o mesmo desfecho familiar e estruturação social. Segundo Junqueira Schettino (2012), foi no início do século XIX que o espaço privado passou a ser considerado como um espaço feminino, sendo a casa para a mulher seu local por excelência, onde desenvolvia suas tarefas domésticas, seu papel de mãe e esposa exemplar. Tinha o homem então, atribuições mais públicas, pois lhe cabia o papel do sustento da casa. Porém como já citado neste capítulo, os limites entre público e privado, são sutis e não tão delineados.

Nem todo o público é masculino, nem todo o privado é feminino. As mulheres circulam no espaço público e, através dos salões, a sua casa mantém-se aberta para o exterior. Os homens não estão também ausentes do privado, e os poderes do pai pesam sobre a família. (FRAISSE E PERROT, 1991, apud JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012, p.22)

Esta separação nos papéis sociais do homem e da mulher na estrutura familiar, citada anteriormente, refletiu na forma de morar, *“o trabalho desempenhado pelos homens se distanciou dos espaços domésticos, e surgiram na casa espaços voltados somente para as mulheres e outros para os homens, ou para cada atividade a ser desempenhada”*, sempre relacionado ao público e privado como já abordado (JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012, p. 23).

Pode-se perceber então, que a relação entre a casa e a mulher é uma relação importantíssima, que advém deste período, onde o papel da dona de casa era fundamental para a pode ser marcante nos dias atuais, porém conformada a um novo estilo de vida feminino.

Ainda no início século XIX um fato importante, que modificou os costumes e hábitos da família brasileira, foi a chegada da Família Real, nas famílias burguesas cresce de forma considerável a vida social e o recebimento de pessoas em casa, que segundo Veríssimo e Bittar (1999), tal costume “novo” foi contra a vontade dos senhores de engenho, mas se fazia necessário.

A mulher (de classe alta) deve aparecer em público e, ainda que inicialmente pouco participativa, sua presença pode ser notada sutilmente pela elegância das roupas ou dos gestos delicados, aprendidos com mestres franceses. Posteriormente, como cenários criados para seu desempenho, surgiram salas de músicas ou de dança. (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p. 24).

Então, a elite do Brasil colônia, que se empenhava mais em delinear a fronteira público/privado, em um contexto segregacionista (NOVAES, 2014), em um convívio mais próximo da corte portuguesa, sofre mudanças em hábitos que antes eram enraizados; surgem novas etiquetas, ritos e solenidades. Mas, a maior mudança comportamental que pode ser destacada, se refere à sociabilidade da mulher burguesa nos eventos sociais, nas salas das casas ao receber os visitantes.

CAPÍTULO 2 - A INOVAÇÃO DO FINAL DO SÉCULO XIX E A ESPECIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RESIDENCIAIS

Como já citado no capítulo anterior a vinda da corte portuguesa para o Brasil é um marco de grandes mudanças, a cidade do Rio de Janeiro se torna a sede de um reino europeu, o que é somado à abertura dos portos e à chegada de diferentes inovações resultantes da Revolução Industrial, além da adesão a novos hábitos. Surgem desta forma novos jeitos de se vestir, de decorar as casa, novos mobiliários, músicas, formas de morar e construir.

Assim, tais características deveriam ser modificadas, transformando a aparência das casas e, conseqüentemente, da cidade, a qual passaria a ter um aspecto mais moderno e mais próximo da Europa e, para tanto, os novos materiais importados seriam fundamentais. Diante disso, as edificações brasileiras passaram a contar com uma maior variedade de elementos construtivos, os quais chegavam ao Brasil a preços mais acessíveis do que os verificados no período colonial. Difundia-se assim o uso do vidro plano nas janelas, as grades de ferro, as calhas e condutores para as coberturas, além de ferramentas e de uma série de outros materiais e recursos para as construções.(SANTOS, 2011, p.69).

Conforme Santos (2011), a partir da década de 1820 a casa brasileira passou a ser uma nova possibilidade de local para se colocar em prática a vida social, que no início do período colonial, acontecia em sua maior parte externa à casa. A configuração espacial da casa não passou por grandes mudanças. Nesse caso, as transformações ocorreram mais no campo da decoração e arranjo de mobiliário, pois já havia na casa tradicional um espaço destinado à recepção dos visitantes. Nesse sentido, esse novo jeito de sociabilidade não chegou a alterar a estrutura tradicional da casa, introduzindo apenas algumas transformações na importância dedicada aos espaços de recepção.

As salas de visitas, que já existiam no período colonial, e com a chegada da corte portuguesa, já haviam sido mais valorizadas, agora se tornam o grande destaque, são muito bem mobiliadas e decoradas. De acordo com o poder aquisitivo da família tinha-se mais salas, com usos específicos, dançar, fumar e a tradicional de receber (SANTOS 2011). A importância dada a este cômodo evidencia a importância que tinha a sociabilidade para a sociedade da época.

Nos dizeres de Santos (2011), era interesse de D. João VI desenvolver esta nova sede, não só em tecnologias, mas também em costumes, educação e formação profissional qualificada. Com isto trouxe para estas terras uma escola de artistas franceses e também de ofícios mecânicos, buscando aproximar os aspectos da colônia dos centros europeus.

Nesse contexto, o neoclassicismo foi introduzido no Brasil de maneira mais objetiva através da atuação e influência dos membros da Missão Artística Francesa. Antes da sua chegada, já se observavam algumas tentativas de introduzir aspectos do neoclássico em construções realizadas aqui no Brasil. Entretanto, tudo era feito de forma tímida e sem grandes conhecimentos a respeito desse estilo, de modo que o resultado não atendia plenamente às regras e, às vezes, apresentava reminiscências de características de outros estilos, como o barroco (LEMOS, Carlos, 1979, apud SANTOS, 2011, p.72).

Ainda segundo Santos (2011), foi determinante a chegada desse grupo de artistas franceses, pois não só contribuíram em novas edificações, mas também no ensino para novos profissionais e inaugurou-se o ensino superior no Brasil, incluindo o de arquitetura.

Assim, somadas à abertura dos portos, com a chegada do conhecimento através destes grupos e a importação de técnicas construtivas foram grandes marcos de inovações no início deste século. Diante destas novas técnicas de decoração e hábitos importados da Europa, aos poucos passa-se a dar mais atenção para o exterior e interior das casas, que antes possuíam seus cômodos mais vazios, com poucos móveis, com as paredes externas das casas somente caiadas, sem muitos adornos. Aderir ao neoclássico só foi possível para as famílias mais abastadas, que conseguiam contratar os profissionais, porém as de classe mais baixa tentavam de alguma forma se aproximar deste estilo, aderindo a alguns elementos estéticos.

A adesão foi gradativa, uma vez que no início do século XIX, os costumes e tradições construtivas ainda estavam muito enraizados e foi preciso um pouco mais de tempo para mudanças no aspecto espacial das construções. Havia-se o desejo por modernização, porém faltava técnica, mão de obra especializada, materiais e possibilidade financeira para algumas famílias. Outro fato que não permitia grandes mudanças na organização era a escravidão, ainda vigente, que determinava muitos costumes e uma organização social segregacionista.

Mais tarde naquele século, as mudanças ligadas à decoração, ornamentação, à aquisição de objetos e utensílios domésticos cresceram consideravelmente com a riqueza trazida pelo café. Segundo Carlos Lemos (1989, p.212) “[...] a casa do café modernizou-se de dentro para fora”.

As transformações arquitetônicas limitavam-se, porém, às superfícies. Os papéis decorativos importados da Europa ou as pinturas eram aplicados sobre as paredes de terra, socada pelos escravos, com o objetivo de criar a ilusão de um espaço novo, semelhante aos interiores das habitações dos países europeus. Em certos exemplos o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos greco-romanos – pilastras, arquivoltas, colunatas, frisos, etc. – com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica jamais realizável com as técnicas e materiais disponíveis no local. Em outros, pintavam-se janelas nas

paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real, das senzalas, escravos e terreiros de serviço. (REIS FILHO, 2006, p.131-134. Apud SANTOS 2011, p.77)

Nota-se, então, como que o fim deste século é marcado por uma supervalorização da aparência de riqueza e modernidade, uma grande preocupação com *status*, procurando-se uma proximidade com as inovações introduzidas pela corte real e da elite do Rio de Janeiro. Sabe-se que a casa e a maneira como se organiza o seu uso são fundamentais para compreender a cultura de uma determinada época e localidade, já que dizem muito a respeito dos costumes sociais, da conduta moral e até do papel da mulher e do homem naquele momento histórico. Aqui, nota-se que a aproximação procurada com os parâmetros europeus demonstrava a busca de afirmação de poder por determinados grupos desta sociedade.

Com a gradativa importância que o cultivo do café adquiriu, nas áreas rurais, os ricos produtores também procuraram demonstrar sua importância na sociedade adotando o mesmo estilo usado pelas elites urbanas. As casas permaneciam com a organização do período colonial da cana de açúcar, mas adotaram os mesmos adornos e decorações citados anteriormente. Distingua-se um grande produtor de um médio ou pequeno, pelo porte da sua casa, até mesmo pelo número de janelas e cômodos. Nota-se então, este hábito de ostentar, presente desde o período colonial, sendo que a casa era um artigo usado para sinalizar riqueza e prestígio.

Essas (casas rurais dos produtores de café) mantiveram a zona de recepção isolada das demais áreas da casa, conservando a sala de viver (ou varanda) que concentrava grande parte dos afazeres cotidianos das mulheres, ao mesmo tempo em que as alcovas pequenas e abafadas foram mantidas em várias situações. A zona de serviço também continuava separada e, assim como os quintais, permanecia como a principal área dos afazeres dos escravos. (SANTOS, 2011, p.91).

Foi somente na segunda metade do século XIX, que a busca por modernizar resultou em maiores mudanças no espaço da casa, pois o país já passava por um contato mais constante com as notícias e inovações tecnológicas de outros países, ocasionadas pela Revolução industrial, incorporando-as aos poucos. Segundo Santos (2011) um fator importante que marcou este século, trazendo novos hábitos, foi a iluminação artificial à gás, uma tecnologia importada da Europa que era muito mais eficaz que a vela e o lampião a óleo. Agora era possível iluminar um cômodo inteiro, possibilitando um rearranjo nas atividades que aconteciam ao longo do dia nos interiores das casas. Tal tecnologia, começou a ser utilizada nas residências brasileiras na década de 1860 e,

assim como todas as inovações tecnológicas, como já citado aqui, eram acessíveis somente aos proprietários mais abastados.

O efeito dos interiores mais claros não foi somente de mais conforto. Uma luz melhor tornava possível ler à noite e incentivava um aumento geral dos níveis de instrução. Os ambientes mais claros também coincidiram com um aumento da consciência de limpeza, tanto pessoal quanto doméstica. (RYBCZYNSKI, 2002, p. 149. Apud SANTOS 2011, p.87)

Inicia-se então, um período de transformações consideráveis na organização espacial da casa. Junqueira (2012) narra que foi em meados do século XIX que surgiram novos cômodos voltados para atividades específicas e também alguns espaços de uso especializado, principalmente nas famílias mais abastadas, tais como: a sala para a senhora; a sala de estudos e biblioteca; salões para bailes ou algum evento; a sala de visitas, onde era servido o café, também usada para as costuras e onde podia haver um piano. A sala de jantar era usada para as refeições especiais em família e também para oferecer um jantar a convidados, evento que na época era cheio de formalidade e etiquetas, com convites formais feitos por escrito e levado aos convidados por algum escravidado.

O jantar se tornou uma cerimônia e a sala de jantar, o local sagrado para sua realização e o desconhecimento das rígidas regras de etiqueta durante um jantar poderia condenar o indivíduo ao limbo da sociedade. Antes do fim do século XIX, os jantares eram realizados nos horários em que havia luz natural, somente com o desenvolvimento das tecnologias de iluminação o jantar se mudou para o horário noturno e, conseqüentemente, as demais refeições também modificaram seus horários. O jantar era cerimonioso, mas o almoço era uma refeição mais simples, de caráter íntimo, muitas vezes composta por alimentos frios (ANDRADE LIMA, 1995. Apud JUNQUEIRA, 2012, p. 93).

A existência de um cômodo específico para as refeições nas famílias burguesas, com mobiliários apropriados para tal atividade e utensílios, revela a importância que tal ritual tinha para este grupo na sociedade da época.

Ainda sobre a segunda metade do século XIX, para Santos (2011) a implantação das ferrovias tiveram um papel importante na divulgação das novas técnicas de construção que passaram a ser incorporadas às diversas tipologias construtivas, principalmente nas residências. Com o novo meio de transporte, foi possível chegar a diversos locais, até aos mais longes do porto, sendo que foi neste momento que o uso da alvenaria de tijolos se difundiu, trazendo novas possibilidades construtivas, que outras técnicas não permitiam.

Os reflexos da Revolução Industrial, como já dito, começaram a chegar no Brasil pela sede do Império no Rio de Janeiro, e, influenciaram consideravelmente as casas deste período. Segundo Lemos (1993), em 1864, isto causou mudanças nos programas de necessidades das casas, nos equipamentos utilizados e também nas técnicas que eram usadas para construir. Tal mudança culminou na disseminação de um novo estilo, o ecletismo, que diferentemente do neoclássico, não parou somente na aparência, ocasionou, também, mudanças espaciais nas casas deste período.

Com efeito, os materiais de construção (fora a areia do fundo dos rios) vinham de fora e eram manipulados por mão de obra estrangeira imigrante, para possibilitar plantas e espaços inspirados em revistas europeias, onde haveria de ser satisfeita uma programação nova, alheia ao trivial cotidiano aprendido com os avós e bisavós. Nada a ver com nossa cultura material vigente. (LEMOS, 1993, p.101)

Lemos (1993) ainda afirma que toda essa importação de inovação, se deu, devido aos navios cargueiros que, interessados em buscar no Brasil café, açúcar, couro e peixe seco, cobravam barato para trazer todos os novos materiais a serem empregados nas casas, como: lâminas de tijolos, cal, cimento, ladrilhos, azulejos, telhas marseilhas, mármore, chapas metálicas, dobradiças, maçanetas, canos, manilhas, gradis em ferro fundido, papel de parede, tintas e vidros.

O autor também ressalta que um fato importante nas mudanças de hábitos e que repercutiu nas casas neste período, foram as questões de higiene e saúde pública, que até então não eram consideradas e não havia um empenho para promovê-las.

Então, somando as novas técnicas aos novos conceitos de salubridade, foi possível dar um salto em qualidade de vida dentro das casas, onde houve um aumento dos vãos das portas e janelas, em dimensão e quantidade, promovendo espaços mais iluminados e arejados. Houve ainda a adesão às venezianas, que permitem uma constante ventilação e com as chapas metálicas adotaram-se calhas para conduzir as águas das chuvas, permitindo telhados mais recortados e conseqüentemente, uma melhor comunicação do interior com o exterior.

Construções assoalhadas com porões ventilados. Cozinhas, banheiros, agora internos, áreas descobertas e alpendres com pisos ladrilhados. No último quartel do século, praticamente, todas as grandes cidades já tinham seus núcleos principais providos de redes públicas de água potável e de linhas de esgoto, fato que garantia a possibilidade da integral execução de modelos europeus chegados em revistas e álbuns de casas aristocráticas. Todos os ricos passaram a ter “salas” de banho e instalações sanitárias, nos andares elevados dos sobrados e contíguas aos dormitórios, banheiros assim possíveis graças aos pisos

ladrihados, apoiados em abobadilhas conseguidos com tijolos, formando pequenos arcos abatidos apoiados em trilhos de estrada de ferro equidistantes. E as casas da classe média passaram a conhecer o binômio hidráulico: banheiro-cozinha, dependências necessariamente vizinhas para o aproveitamento de mesmos canos e mesmo esgoto. Tudo uma questão de preço. Só quem podia tinha a latrina longe do fogão (LEMOS, 1993, p.102).

Caminhando para o fim deste século, já cheio de inovações, ainda vale ressaltar como a adesão aos alimentos industrializados influenciou diretamente o espaço residencial, não só na cozinha e as áreas voltadas aos serviços. Assim, segundo Lemos (1993), foi a industrialização dos alimentos que causou grandes transformações no planejamento e dimensionamento das casas. Desde o início do período colonial, os alimentos eram beneficiados no espaço doméstico demandando grandes áreas construídas com meios específicos para isso, principalmente as casas de fazenda.

Na casa velha, praticamente todos os cereais eram descascados ao lado da cozinha; só o feijão vinha “malhado” da roça, porém muito sujo. O arroz era necessariamente pilado no quintal, que ficava revestido da palha seca. O toicinho vindo do açougue, do talho, dizia-se, era derretido horas e horas no fabrico de banha caseiro. O café era também pilado para livrar-se da casca grosso, depois era torrado e depois novamente pilado, poro transformar-se em pó. Aliás, toda casa, que se prezasse, possuía vários tipos de pilão – os de madeira, madeira que não deixasse cheiro na comida, principalmente na paçoca, os de ferro ou bronze, os almofarizes, que transformavam os temperos em pastas aromáticos salgadas, deixando transparecer o gosto e perfume das ervas e dos “cheiros” verdes. O gral de pedra ou louça para as pomadas medicinais. Enormes tachos e caldeirões. Jiraus para a conservação de toicinho, da carne de sol, do milho pipoca, do sal higroscópico, da linguiça. [...] Grandes prateleiras para os potes de água buscados nos chafarizes, nas cisternas do quintal, as chamadas cantareiras. As gamelas, as masseiras para o pão semanal. As queijeiras cheias de sulcos no tampo inclinado. Queijo feito com o leite transportado em grandes latões, vindos aos lombos dos burros dos caipiras, que também traziam da roça a lenha para os fogões, sempre mais de um por residência. O fogão da cozinha “suja”, no fundo do quintal e o da cozinha “limpa”, ao lado da sala de jantar. Grandes armários, enormes depósitos de gêneros por beneficiar. (LEMOS, 1993, p. 102).

Tal mudança já havia sido sentida com a urbanização, pois grande parte das casas da cidade já recebiam alguns dos alimentos beneficiados na área rural. Junqueira (2012), cita como uma das inovações industriais em equipamentos, o surgimento do fogão de ferro. Este era mantido à lenha e carvão, começando a ser usado no Brasil pela classe alta no fim do século XIX, o que afirma a autora, ser uma primeira tentativa de mudança na cozinha das casas brasileiras. Com os novos fogões e os os alimentos beneficiados, semi-prontos, dispensava-se o preparo nos quintais, diminuindo o número de atividades realizadas no espaço residencial.

Com a introdução dos alimentos beneficiados e dos equipamentos domésticos a casa perdeu seu caráter de pequena empresa e a mulher, antes responsável por inúmeras atividades relacionadas à provisão de alimentos e outras necessidades domésticas, passou a ter mais tempo livre (HOMEM, 1996. Apud JUNQUEIRA, 2012, p. 105).

Para Junqueira (2012) outra grande transformação na casa ocorreu a partir da segunda metade do século XIX com o abastecimento de água corrente nas residências. O banho que antes acontecia nos quartos ou em outros cômodos, através de tinhas portáteis, agora recebeu um ambiente específico, com vaso sanitário e banheiras fixas. Tal fato se deu principalmente nas residências luxuosas. A introdução das instalações hidráulicas ocorreu inicialmente nos grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro para aos poucos ser adotado em outras regiões, processo que se estendeu ao longo do século XX. Devido a aproximação necessária entre banheiro e cozinha (por causa das tubulações que eram caras), há uma mudança na configuração da casa, pois até então, a latrina era posicionada fora da casa. Agora passa-se a introduzir um cômodo específico com vaso sanitário e espaço para banho, reunindo atividades que historicamente vinham ocorrendo em espaços distintos. A cozinha também passou a ser situada nas proximidades para racionalização do projeto hidráulico. A água canalizada chegou gerando mais asseio e facilitando os trabalhos domésticos.

A produção industrial de material hidráulico e a invenção do sifão e do vaso sanitário levaram a água corrente da pia da cozinha para o lavabo, para o w.c. (water closet) e para o banheiro. Dessa forma, cozinha e banheiro se transformaram nos locais de mecanização da casa. (JUNQUEIRA, 2012, p.73)

Todas inovações, mudanças de hábitos e na disposição do espaço das residências, que aconteceram no século XIX, foram aceleradas com a Abolição da Escravatura. Os movimentos abolicionistas se iniciaram em meados do século e chegaram ao seu auge em 1888, com a assinatura da Lei Áurea. A Abolição da Escravatura foi um dos mais relevantes acontecimentos do século XIX, determinando transformações significativas na sociedade brasileira.

Para Junqueira (2012, p.23) *“a escravidão era um dos aspectos que influenciava diretamente na forma de se morar e que o fato de substituir o trabalho escravo pela mão de obra livre são fundamentais”* para melhor compreensão do rumo que teve a casa brasileira. Somando-se a isso, tem o fato de que um ano após a Abolição, deu-se a Proclamação da República e com a modificação do regime político do país gerou também, transformações sociais, refletindo nos hábitos cotidianos dos brasileiros.

Santos (2011, p.99) ressalta que houve uma transformação na estrutura de organização do trabalho, que não refletiu somente nos trabalhos relacionados à terra, mas em todo tipo de serviço que na época era atribuído aos

escravizados, principalmente os serviços domésticos. Tal situação gerou o que o autor chamou de uma “revisão do espaço residencial”, pois a dinâmica da vida privada até aquele momento girava em torno dos serviços feitos pelos escravizados. Então, a família burguesa se viu diante de nova situação.

De acordo com Lemos (1979) citado por Santos (2011) a partir da Lei do Ventre Livre (1871) e da Lei dos Sexagenários (1885), iniciou-se uma série de adaptações que foram sendo buscadas, gradualmente, para facilitar todo o serviço gerado no ambiente residencial. As famílias com boas condições financeiras procuraram contratar empregados, para desempenhar este trabalho, porém as casas eram muito grandes e como, agora, se tratava de um trabalho remunerado, não era possível para muitas famílias repor o grande número de escravizados. Foi necessário, então, buscar estratégias de otimização dos serviços, que em classes baixas passariam a ser executados pelas mulheres, as donas de casa.

A casa, então, começa a se modificar. Seus espaços ficam mais compactos, diminuindo-se o tamanho dos cômodos e as distâncias a serem percorridas para a realização das tarefas. Dentro desse contexto, as principais mudanças se encontram na área de serviços, especialmente na cozinha, que passa a ser frequentada pela dona da casa que, muitas vezes, é a responsável por todas as atividades que ocorrem nesse local. Nas famílias mais abastadas, as senhoras contam com empregadas e com governantas, em algumas situações. Mas, na maioria dos casos, a dona da casa precisava frequentar esse setor da residência, pois era necessária a sua supervisão. (SANTOS, 2011, p.100)

Essa casa mais compacta do fim século XIX, tendo a presença da dona de casa de forma mais ativa, contribuiu para sua modernização, principalmente da cozinha, já revestida por ladrilhos e com água encanada. O fogão à gás começa a ser adotado e surgem equipamentos cada vez mais elaborados na cozinha. Os quintais são reduzidos de tamanho e começa a surgir uma área delimitada para os serviços de limpeza, com tanques, local para lavar e passar e etc. Porém o “*alojamento destinado aos criados, ainda segregacionista, permanece acontecendo aos fundos dos terrenos, em pequenos cômodos, separados da casa*” (SANTOS, 2011, p.100).

Na casa colonial as atividades domésticas eram realizadas em vários locais, não apenas na cozinha, mas também em diversas construções espalhadas pelo quintal. Na nova cozinha, mais compacta e integrada ao corpo principal da residência, era preciso uma maior regularização na execução das tarefas segundo as necessidades de ordem e higiene. Assim como nos Estados Unidos foram produzidos estudos propondo uma maior eficiência do trabalho doméstico ao empregar teorias voltadas para a indústria, no Brasil, os manuais domésticos e as revistas femininas destacavam a importância da ordenação do trabalho doméstico segundo regras científicas que ficava a cargo da dona-de-casa (JUNQUEIRA, 2012, p.110).

Veríssimo e Bittar (1999) também afirmam que a cozinha só se modificou consideravelmente no final do século XIX com a Abolição, a importação de produtos manufaturados e com a chegada de imigrantes europeus. Neste momento há uma maior presença da mulher branca no setor de serviço, seja ela a dona da casa ou a empregada. Assim, com a introdução de novos materiais, e das instalações hidráulicas, conforme já visto, a cozinha se aproxima mais da casa, passando a se localizar no corpo principal da construção, pois no período colonial, muitas vezes era um anexo à casa. Em algumas residências de alto padrão tal ambiente podia se encontrar no porão, tendo um pé-direito alto e se comunicava com o andar superior por escada, em alguns casos um monta-carga transportava a comida.

O século XIX foi um período de muitas transformações, de marcos que delimitaram um início de novos hábitos e costumes, em nível mundial e nacional. Mas é possível notar que neste século o Brasil Colônia dá um grande salto, seja na importação de tecnologias, de costumes e de evoluções sociais como a Abolição da Escravatura. O país, na transição do século XIX para o XX, passou por grandes e profundas transformações, no âmbito econômico, político e social.

É possível notar que a vinda da corte portuguesa para o Brasil, a maior participação social da mulher, a Revolução Industrial, as ferrovias e outros pontos citados neste estudo, contribuíram para mudanças de hábitos e nas residências. Mas, foi a abolição dos escravizados um dos marco que influenciou mais diretamente nas transformações que a casa sofreu no fim do século, somando-se à Proclamação da República, à adoção dos ideais capitalistas pela sociedade burguesa e às transformações no papel social da mulher. Segundo Junqueira (2012, p.24) *“foi nesse momento que se consolidou a alteração do programa de necessidades da casa brasileira, diversificando os espaços e não mais se restringindo à distribuição colonial: sala na frente, repouso no meio e serviço nos fundos”*. O programa de necessidades que até então era simples sofreu uma ampliação, se tornando mais complexo, surgindo vários cômodos para fins diferentes.

CAPÍTULO 3 - A CASA DO SÉCULO XX COM ESPAÇOS MAIS CONSOLIDADOS

O século XIX foi marcado por grandes transformações sociais, cujo impacto se refletiu na sociedade e na forma de morar de forma definitiva. A casa neste período deixou de ser considerada apenas como um local de abrigo e repouso, passando a exercer um papel determinante na vida social de seus proprietários. Segundo Santos (2011) tal fato se iniciou no período colonial e se estendeu até o início do século XX, uma casa mais social foi se evidenciando cada vez mais, devido à distinção qualitativa entre as classes, somada à estima em receber visitantes, o fato da casa se tornar palco de encontros, aumentando assim, a sua importância para seus proprietários.

Segundo Junqueira (2012) a casa moderna surgiu no século XVIII, quando as casas das classes mais abastadas conquistaram mais conforto e privacidade obtidos pela separação rígida entre os três setores: social, íntimo e de serviço. Porém integradas por meio de uma rede de cômodos e distribuídas de acordo com um rígido ritual social e em conformidade com as regras de conforto, higiene e salubridade.

Tal setorização se estendeu ao longo dos séculos e consolidou-se cada vez mais. Nota-se que a casa brasileira passou por grandes transformações para se adaptar ao novo contexto social do final do século XIX e início do século XX, como a valorização dos ambientes sociais, a redução dos ambientes de serviço, a incorporação das novas tecnologias, o surgimento de novos cômodos entre outros. Que em meio a tal processo, houve uma alteração no programa de necessidades das casas da classe alta, que até então, se tratava de um programa simples e geralmente formado por uma sala na frente, alcovas no meio e sala de jantar ou íntima aos fundos, antes da cozinha e do serviço. Surgiu-se então variadas salas, corredores, banheiros completos, varandas, alpendres, vestíbulos, acomodações de empregados e etc.

Como catalisadores dessas transformações pode-se destacar também, a urbanização e a adoção de práticas sociais típicas da burguesia europeia que modificaram o cotidiano do brasileiro, principalmente após a Proclamação da República e com a instituição da higiene pública. Assim, o século XIX, com suas mudanças na organização espacial da casa e novas técnicas, foi a base fundamental que gerou condicionantes que favoreceram o surgimento de novas possibilidades para a arquitetura do século XX.

O período do ecletismo no Brasil inaugurou uma série de novidades e introduziu no país não apenas um novo estilo e inovações tecnológicas, mas também novos materiais e técnicas que proporcionaram novas possibilidades construtivas, ao mesmo tempo em que trouxe também

profissionais e um novo “saber fazer” que instituíram mudanças importantes na nossa arquitetura residencial (SANTOS, 2011, p.126).

Um desses avanços que se destacou, foi o uso de elementos de ferro em escadas, alpendres, e também o uso de coberturas de varandas com vidro. Este uso explorou possibilidades estruturais nunca exploradas antes; tais obras ecléticas contribuíram de forma considerável para o avanço na arquitetura do início deste século e para o desenvolvimento da nova arquitetura que foi edificada nas décadas seguintes . Tal estilo foi adotado nos centros mais importantes, pois havia um anseio por modernizar no país que se refletia na arquitetura. Porém, tal rompimento com o passado não se deu de forma tão abrupta assim, pois alguns costumes tradicionais foram preservados.

As casas apresentavam fachadas novas e plantas tradicionais, sendo que essas acabavam condicionando também os modos de viver, os quais, segundo o autor, mantinham os velhos costumes de valorização das aparências. (SANTOS, 2011, p.199).

Os costumes urbanos no início deste século já apresentavam significativas mudanças, em relação aos hábitos coloniais. Enquanto no período colonial, a cidade existia mas era comumente vazia, exceto por ocasiões esporádicas, agora há uma crescente considerável na urbanização. Ao longo da história do Brasil, o território foi se organizando de maneira distinta e dispersa:

A ‘cidade’ era bem mais uma emanção do poder longínquo, uma vontade de marcar presença num país distante. Assim, a urbanização brasileira se desenvolve de maneira mais expressiva a partir do século XVIII, amadurece no século XIX e apenas no século XX é que atinge as características da atual urbanização (SANTOS, 2009, p.19; 21).

Segundo Veríssimo e Bittar (1999) neste período, a arquitetura brasileira sofreu uma forte europeização no que se refere às fachadas das moradias, que se refletiu na década de 1920 na busca por uma identidade nacional. Dentro deste contexto surgiu o estilo neocolonial, como uma forma de resgatar uma arquitetura própria. Porém, com a busca de inovações importou-se muitas características europeias. Tal estilo sofreu duras críticas na época, pois reproduzia mais a arquitetura tradicional portuguesa do que a arquitetura nacional.

No Brasil, estas manifestações de valorização das tradições nacionais ocorreram no momento em que os reflexos da Primeira Guerra Mundial começaram a se fazer sentir no país, o que provocou uma diminuição no ritmo das construções e a escassez de bens e materiais importados devido às dificuldades de comunicação marítima com a Europa. (SANTOS 2011, p. 120).

Alguns costumes antigos permaneceram nas primeiras décadas. O esforço em aparentar boas condições financeiras para obter *status*, foi um dos valores

herdados. Era evidenciado, por exemplo, pelo costume de dar mais atenção às fachadas frontais e alpendres, do que aos fundos e fachadas laterais, postura que se estendia para o interior da casa, onde o setor social se destacava mais que o íntimo e de serviço. Nota-se que o ecletismo no Brasil valorizava o conforto, o luxo e o requinte.

Esse fato se fez notar nas residências construídas nas primeiras décadas da nova capital de Minas. Em Belo Horizonte, tanto as casas-tipo quanto as casas construídas sob a sua influência apresentavam maior cuidado ornamental dedicado a fachada voltada para a rua, enquanto as fachadas laterais contavam com tratamentos mais simples e sem decoração. (SANTOS, 2011, p.194).

O alpendre lateral, tipologia muito comum na época, tinha destaque quase tão relevante quanto o da fachada frontal, pois protegia a entrada principal da casa, por onde recebiam-se as visitas. Exercia também o papel de filtro entre o interior e o exterior da moradia.

Segundo Santos (2011) nas décadas iniciais as plantas das casas sofreram poucas alterações, seguindo a organização anterior, permanecendo isolada a área de recepção das demais áreas da casa, fato que remete às casas do período colonial e aos costumes que se estenderam. A zona de receber correspondia à sala de visitas e a sala de jantar, as quais se localizavam na parte anterior da moradia, sempre isolada do restante dos ambientes, na maioria das vezes, não tinha comunicação direta com ambientes do setor íntimo como dormitórios.

As demais áreas da casa passaram por modificações significativas. Os dormitórios se apresentavam em diversificados pontos da casa, abolindo totalmente as antigas alcovas, com as inovações do fim do século e os novos conhecimentos sobre salubridade. Então o setor íntimo não fica mais no centro da moradia como acontecia no período colonial. No que se refere aos acabamentos, estes ambientes recebiam tratamento bastante simples, com paredes caiadas e sem muitos adornos. Os quartos tinham piso em tábuas corridas e forro de madeira em saia-e-camisa (SANTOS, 2011, p.178). Nas instalações sanitárias as novidades que surgiram no fim do século XIX, continuaram a serem adotadas e a se modernizarem cada vez mais: com água encanada, até mesmo aquecida pelo sistema de serpentina, louças e ladrilhos, contribuindo para o conforto de seus usuários.

Assim, todas as atividades relacionadas à higiene corporal foram agrupadas em um único cômodo que teve sua localização deslocada para próximo da cozinha, tendo em vista a economia dos encanamentos que eram muito caros no período (SANTOS 2011, p.179).

Os ambientes do setor de serviço também passaram a contar com esta novidade da água encanada, o que trouxe enorme contribuição para facilitar as tarefas que eram realizadas nestes ambientes, além da higiene com os utensílios domésticos, ladrilhos no piso e revestimento nas paredes.

Segundo Martins (2010) na casa colonial rural, a cozinha se encontrava externamente à casa, já no sobrado urbano colonial ela passa a ocupar uma área de destaque no andar térreo, porém aos fundos. Entretanto, mesmo com todas inovações adotadas para a cozinha, sua localização no início do século XX permanece inalterada, sempre aos fundos da edificação, mas agora pertencente ao corpo principal da casa e na dinâmica cotidiana dos moradores. Seu tamanho também sofreu modificações, uma redução considerável, consequência da abolição da escravidão e da importação de produtos manufaturados no fim do século XIX. Já no século XX houve outras inovações como o surgimento do gás de cozinha e dos alimentos industrializados já processados, extinguindo todas atividades externas à casa.

O surgimento da copa nas casas foi ao fim do século XIX e continuou a ser reproduzido no início do século XX. Segundo Santos (2011), seu surgimento se deu com a eliminação da sala de viver das moradias coloniais, passou a ser o local em que os moradores faziam as suas refeições diárias e também de permanência no cotidiano, fazendo uma relação com o setor íntimo da casa.

Segundo Martins (2010) o surgimento da copa se deu no processo de separação entre a cozinha “suja” e a cozinha “limpa”. No período colonial, a cozinha era voltada para o quintal onde se fazia o “trabalho sujo” como torrar farinha, fazer sabão e etc. Quando as atividades começam a ser mais frequentadas ou até mesmo executadas pelos moradores, busca-se manter distantes essas atividades externas. Então a copa se tornou este espaço de transição entre a varanda e a zona de serviço externa ou a área da cozinha limpa, consolidando-se como um espaço de convívio familiar.

A conformação dos espaço de serviço nas casas se dava sempre na parte posterior, ou seja, na parte dos fundos da casa, apresentando contato direto com os quintais. A copa, cozinha, despensa e demais espaços de realização dos afazeres domésticos formavam o setor de serviço.

Segundo Santos (2011), a copa teve um papel significativo na transformação dos setores da casa e na forma de interligá-los, contribuindo para aproximar o setor íntimo, do setor de serviço, rompendo um pouco com a separação tão rigorosa do período colonial. Assim, a copa tinha uma forte conexão com o setor íntimo, pois se tornou o local onde a família realizava atividades cotidianas, e possuía também uma conexão com a cozinha, por se tratar do espaço das refeições do dia-a-dia.

Contudo, a copa não apresentava a mesma formalidade da sala de jantar e a sua proximidade física com a cozinha fazia com que o contato entre os dois espaços ficasse mais coeso, de modo que ambos experimentavam uma dinâmica de certa continuidade entre eles. Assim, afrouxava-se um pouco a rígida separação que, tradicionalmente, era instituída entre as áreas de serviço e os demais espaços da casa. (SANTOS, 2011, p.196).

Acontecia também, de tal ambiente concentrar a maioria das circulações da casa, gerando uma dinâmica dos habitantes da casa que girava entre quartos, cozinha e copa. Nota-se a partir da citação anterior, que a tradicional divisão em três setores (receber, íntimo e serviço), começa a sofrer algumas alterações, permanecendo isolada a área de receber, porém, aproximando setor íntimo e de serviço, gerando maior integração entre estes.

Nota-se então, que a área de serviço sofreu grandes alterações ao longo dos séculos, principalmente no que se refere ao seu tamanho e localização. No período da escravidão no século XIX, como foi visto no capítulo anterior, configurava-se como um amplo espaço e mantinha-se isolada da casa, voltados para a parte externa. No início de século XX, tais ambientes perderam um pouco do seu isolamento e do preconceito que girava em torno deles. Com a abolição da escravidão no fim do século XIX os moradores passaram a frequentar estes ambientes, e com as inovações tecnológicas, facilitou-se as atividades domésticas, inserindo-os definitivamente na dinâmica diária da casa. (SANTOS, 2011, p.197).

No século XX, destacam-se algumas outras mudanças na forma de morar, principalmente com o crescimento da urbanização. Nas primeiras décadas tem-se a evolução dos cortiços, que se transformam em vilas. Segundo Veríssimo e Bittar (1999), a vila aqui é a avenida, com casas parecidas, que se encontram em torno de uma área comum; seus habitantes eram locatários da classe média e sonhavam um dia poder comprar essas casas.

Após o surgimento de doenças nos cortiços, as moradias dos proletários começam a melhorar à medida que adotam novos ideais de higiene e economia. À elite interessa melhorar a vida do proletário porque começa-se a perceber que se uma epidemia surge naqueles aglomerados se alastra por toda cidade. Surgem então planos de urbanização e códigos de obras a partir dessa preocupação com a cidade insalubre e com focos de doenças que poderão surgir.

Martins (2010) afirma que os códigos e normas tiveram grande influência na determinação da planta contemporânea das casas, que indicavam dimensões mínimas para os quartos, a exigência de ventilação e iluminação para os cômodos de permanência prolongada e até mesmo a localização dos cômodos,

que seria então resultado das novas normas que vigoram no princípio do século XX.

Na década de 1880, a prefeitura de São Paulo passa a aprovar projetos residenciais e institui mínimos construtivos e regras para o uso dos cômodos: abolem-se as alcovas e é estabelecida uma dimensão mínima para as habitações, como os 14 metros cúbicos livres para cada dormitório. Disciplina-se também a localização dos cômodos (as cozinhas ficariam longe da zona de repouso), definindo a planta da casa contemporânea (MARTINS, 2010, p. 13).

Segundo Martins (2010), as discussões sobre o Código de Obras da cidade de São Paulo, na década de 1920, são um marco importante na decisão de parâmetros básicos para os ambientes internos das edificações, baseados em novos critérios de higiene, destacando a necessidade de ar e luz nos aposentos, apontando a dimensão e altura do pé direito dos cômodos e tamanho das janelas a serem usadas nas edificações. Tal tendência higienista será reforçada nas moradias nos próximos anos pelo modernismo.

Ainda no início do século, na década de 20, surge uma nova forma de morar no país, inicialmente nos grandes centros, causando uma certa rejeição. Trata-se dos edifícios de apartamentos, com vários pavimentos. Tal tipologia se popularizou somente nos anos 1940, inicialmente abrigando a classe média. As casas térreas desse período sofreram poucas modificações se comparadas ao início do século.

O automóvel que chegou ao Brasil no fim do século XIX, se populariza no início do século XX. Este fica alojado na antiga estrebaria, que no século XIX existia no fundo dos terrenos para abrigar cavalos e carruagens, nos quais os veículos entravam por um portão lateral. A garagem mantém-se aos fundos no setor de serviço, até meados do século (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p.52).

3.1 - A busca pela privacidade

O estudo sobre a busca pela privacidade passa pela análise dos fatos e pela observação dos hábitos da época. Segundo Zabalbeascoa (2013: p.16) “*O passado revela que havia mais necessidade que capricho por trás das grandes decisões arquitetônicas*”, algo que explica que a privacidade não era algo tão buscado no passado.

Atualmente, na cultura ocidental, no decorrer da vida cada pessoa adquire sua maneira de interpretar e viver sua privacidade. Reconhecer os espaços privados faz parte da dignidade humana, é determinar que em tal espaço ela se sente à vontade longe dos olhos curiosos.

Porém a percepção nem sempre foi esta, falar em conforto ou desconforto antes da Idade Média talvez seja evidenciar apenas a vida dos pobres que era a maioria da população. Suas casas eram muito pequenas e insalubres, possuíam um só cômodo para a convivência familiar.

A casa de cidade típica burguês do século XIV servia como moradia e como local de trabalho. Os terrenos tinham áreas restritas para as fachadas, visto que as cidades medievais fortificadas eram necessariamente densas. Estas construções longas e estreitas geralmente tinham dois andares sobre uma cripta ou um porão, que era usado como estoque. O andar principal da casa, ou pelo menos a frente, era uma loja ou uma oficina. (RYBCZYNSKI 2002, p. 38).

Ainda, segundo Rybczynski (2002), apesar desta evolução na edificação da casa, seu interior continuava sendo um só cômodo para cozinhar, conviver e dormir. Havia poucos móveis: um banco em frente a lareira, um baú para servir de estoque e de assento, sentavam também nas camas e mesas desmontáveis para não ocupar espaço. O motivo para esta simplicidade e escassez de móveis se dava por causa do modo de usar a casa, os moradores só iam em casa para dormir.

Após o fim da Idade Média, até o século XVII, a busca pela privacidade e intimidade começa na separação dos cômodos da casa, lugar dos patrões e lugar dos empregados. O século XVIII se caracteriza por um desejo de maior privacidade, tanto nas casas burguesas quanto nos palácios.

Um exemplo dessa busca é o distanciamento entre o quarto dos criados e o dos patrões. Até este século era considerado um conforto, o criado ou empregado dormir no mesmo cômodo que o patrão; depois ele passou a dormir do lado do cômodo do patrão. Mais tarde, com a abolição da escravidão, na segunda metade do século XIX os empregados passam a ser imigrantes, que morando no trabalho requerem acomodações melhores; com isso, somado à busca pela privacidade o patrão passou a fazer uma casinha ao fundo da sua casa para acomodar seus criados (RYBCZYNSKI, 1996 *apud* JUNQUEIRA, 2012, p.48).

No Brasil, a privacidade e a intimidade devem ser analisadas levando-se em consideração a seguinte afirmação de Algranti (2007: 89):

a distinção entre público e privado não se aplica à vida colonial antes do final do século XVIII e início do XIX e, ainda assim, só de forma muito tênue, pois o privado assume conotações distintas daquelas adequadas à nossa sociedade atual.

Vê-se que no período colonial não havia como estabelecer limites bem definidos entre o que era público e privado. Esta confusão entre o público e o privado pode ser encontrada nas casas coloniais, onde não era possível definir

claramente o que era privado, pois, como afirma Marins (2001: 16), “*casa e rua eram prolongamentos um do outro*”. As moradias do período colonial eram vistas como espaço público, todos conviviam entre si. Algranti (2007) citado por Junqueira concorda com essa afirmação, mas aponta que, “*nas casas mais ricas havia uma preocupação em separar atividades e áreas de uso exclusivo da família, apesar de as alcovas e quartos se intercomunicarem diretamente sem uma área de circulação*”.

De acordo com Algranti (2007) conforme citado por Junqueira (2012, p.18) a privacidade no Brasil se originou no período colonial, mas só se desenvolveu nos séculos XIX e XX. No final do século XVIII, ampliaram-se as relações com a Europa levando a algumas mudanças nas casas coloniais, como o maior cuidado com a preservação da intimidade nos espaços internos domésticos.

Um elemento que revela de forma exemplar a busca da privacidade foi o aparecimento dos espaços de circulação, tais como corredores e vestíbulos. Teixeira (2013) destaca a importância do corredor na privacidade, afirmando que, ao facilitar a comunicação entre quartos e permitir o trânsito independente pela casa, o corredor é um distribuidor de movimentos que apareceu por volta do século XVII, separou as pessoas e passou a expressar a ideia de privacidade.

Para Santos (2011, p. 101) com os novos conhecimentos no final do século XIX, foi dada maior importância a outros aspectos, evitando-se cômodos que não recebiam ar e luz diretamente. Assim, a implantação das casas passa a contar com um corredor lateral por onde se abriam as janelas dos cômodos que antes não contavam com essas aberturas. Entretanto, a privacidade e o resguardo da família não foram prejudicados, pois esses corredores laterais não eram acessíveis às pessoas de fora, sendo que seu acesso era feito através do quintal ou área de serviço, sem contato direto com a entrada principal da residência.

Posterior ao surgimento do corredor é que os cômodos das casas ganharam privacidade efetivamente, abrir a porta de um quarto sem a devida permissão ou comunicação tornou-se invasivo, ressaltando a importância do corredor no uso individual dos quartos.

3. 2 - A busca pelo conforto

Segundo Bryson (2011) se tivesse que resumir toda a história da vida privada em uma só frase, poderia-se dizer que se trata de um resumo do prolongado esforço de se sentir-se confortável. Até o século XVIII a ideia de se ter conforto em casa era algo estranho e que não se passava pela cabeça das pessoas. O

conforto nas casas é algo recente e, para classes baixas, às vezes ainda não atingido. Mesmo estando diretamente ligado ao poder aquisitivo, era algo que em séculos anteriores mesmo as famílias mais abastadas não tinham, ou pensavam em ter. Até o século XVII era muito comum ter vários cômodos da casa sem janelas, ou com janelas tampadas por venezianas, sendo escassas as vidraças e a entrada de luz.

Mesmo as casas maiores em geral só as janelas dos aposentos mais importantes tinham vidraças. Todas as outras eram cobertas com venezianas de madeira. Mais abaixo na escala econômica, as janelas continuaram sendo uma raridade por muito tempo. (BRYSON, 2011, p. 71).

Segundo Bryson (2011) fosse em casas melhores ou piores, o piso em geral era de terra batida, às vezes cobertos por algum tipo de folhagem seca, em que a cada ano se depositava nova camada, sem remover a anterior, fato que atraía muitos insetos e roedores. Mesa para comer era um simples tábua apoiada sobre cavaletes, ou até mesmo sobre os joelhos das pessoas, na hora de comer. Os assentos eram bancos simples, até o século XVII as cadeiras eram raras, e não eram feitas para serem confortáveis, mas para impor autoridade. As camas eram de palhas e panos, que se enrolava de dia e desenrolava a noite para dormir, as acomodações para dormir permaneceram assim por longo tempo.

Pode-se notar que não havia muito conforto nem mesmo nas melhores casas, sendo extraordinário o tempo que se levou para que se atingisse um nível básico de conforto nas casas. O autor segue afirmando que a razão para isto eram as dificuldades da vida, pois na Idade Média, grande parte da vida era dedicada à simples sobrevivência. Havia grandes fomes, quando a colheita ia mal, pestes e doenças aniquilavam milhões de pessoas. Tais dificuldades não davam espaço para se pensar na decoração da casa e ou no conforto.

Tudo isso se aplica às casas dos relativamente ricos, mas temos que manter em mente duas coisas: as casas superiores nem sempre eram tão superiores assim, e nem as inferiores eram tão ruins. As casas mais ricas não tinham estrutura mais complexa, mas apenas um saguão maior. (BRYSON, 2011, p. 72).

Houve o advento do conforto no lar, no início do século XIX, na Europa, onde já se falava em ter uma casa confortável. Segundo o autor acima citado, nenhum lugar da casa capta tão bem o espírito de conforto como as salas de estar que em sua origem era o espaço onde a família podia retirar-se para obter mais privacidade, longe do restante da casa, cujo o nome em inglês tem um curioso significado: "*drawing room*", onde estamos agora (BRYSON, 2011).

Mas para Carvalho (2000) citado por Junqueira (2012, p.27), a habitação moderna nasceu na Europa no final do século XVIII, momento em que ocorreu uma modificação na distribuição interna dos espaços. As três áreas: íntima, social e de serviço, passaram a ser independentes, mas integradas por meio

de uma rede de cômodos e distribuídas de acordo com um rígido ritual social e em conformidade com as regras de conforto, higiene e salubridade.

Junqueira (2012), por sua vez, destaca a participação da mulher na sociedade dizendo que ela era a responsável por divulgar os conceitos de conforto e privacidade porque estes estão vinculados à vida doméstica.

Para Ramos (2004), a reorganização espacial da casa fará apelo a um conjunto de valores e estilo de vida modernos que emergem com o século XX, e que se tornarão aspiração cultural abrangendo conforto, salubridade, higiene, simplificação da rotina doméstica, que, independentemente da época e das linguagens - eclética, pitoresca ou moderna - irão condicionar o desenho da habitação.

CAPÍTULO 4 - ESTUDO DE CASO

Neste capítulo aborda-se o estudo de caso de um edificação residencial realizado pela autora, datada do período em estudo (fim do século XIX e início do XX). Com o objetivo de identificar aspectos que possam confirmar as questões levantadas nos capítulos teóricos.

Para este capítulo do estudo de caso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando fontes relativas à história da casa brasileira e sua transformação, dando enfoque na virada do século XIX para o XX, que data o período que antecede a construção da casa em estudo.

Destacam-se, como fontes, a obra de Veríssimo e Bittar, 1999 - 500 anos da casa no Brasil - e o livro de dedicado ao Centenário de José Francisco Bias Fortes, 1991 (Primeiro proprietário da edificação em estudo). Procura-se por meio destas fontes compreender a época, as condições da família que habitou a casa, suas relações com a sociedade local, suas necessidades quanto aos espaços domésticos, suas estratégias para garantir que os espaços atendessem às suas expectativas e demandas.

O objeto do estudo é uma residência de padrão elevado, localizada na cidade de Barbacena, com data de 1915. Foi realizada uma visita ao local para levantamento de medidas e elaboração de plantas baixas da edificação, além de levantamento fotográfico e análise de documentos - como o Decreto municipal de tombamento - e entrevista com um membro da família proprietária do imóvel, para conseguir mais informações sobre a edificação.

A entrevista foi realizada com o intuito de se aprofundar no estudo de caso, e assim conseguir colher mais dados sobre a casa analisada, sobre quem viveu nela e os costumes da época. O entrevistado foi um dos bisnetos do primeiro morador da edificação - José Francisco Bias Fortes - cujas histórias e lembranças foram transmitidas por três gerações. Pelo fato de José Francisco Bias Fortes, ser uma figura pública, advogado e político, sua casa foi preservada, tal como grande parte da mobília e alguns pertences pessoais.

A entrevista foi realizada no dia vinte um de janeiro, do ano de 2021. A entrevista foi semiestruturada, organizada em torno da lógica de uma visita pela casa: ao passar por cada cômodo, o entrevistado explicava como se dava o uso daquele espaço, por quem era usado e também os pertences existentes ali. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

4.1 - A cidade de Barbacena

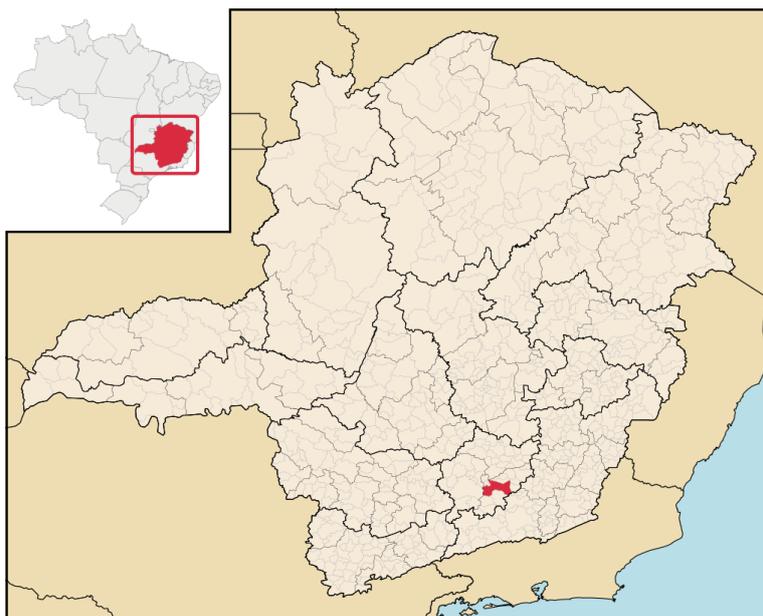


Figura 1: Mapa de Minas Gerais localizando a cidade de Barbacena.
Fonte: Wikipédia.

A cidade de Barbacena localiza-se no estado de Minas Gerais (Figura 1), na Serra da Mantiqueira, a 169 quilômetros da capital do estado, com população estimada em 2020 de 138.204 pessoas e uma área territorial de 759,186km² (IBGE).

O IDH da cidade é de nível médio, 0,769 (Gráfico 1), que cresceu consideravelmente de 1991 a 2010, ocupando a posição de 19^o no ranking do Estado de Minas Gerais e 238^o no país (IBGE).



Gráfico 1: Gráfico do IDH da cidade de Barbacena do ano de 1991 a 2010.
Fonte: IBGE

Atualmente a cidade é conhecida em todo o país como cidade das rosas, devido à produção de flores na região, destacando-se também a produção de frutas europeias, com exportações para grande parte do país. Destaca-se como centro de ensino, devido aos inúmeras escolas e universidades, como: Faculdade de Medicina de Barbacena, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (FAB), o Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, a Escola de Hotelaria do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, a Universidade Presidente Antônio Carlos, a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), o Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais, além de escolas de ensino fundamental e médio da Rede Salesiana e Educação Vicentina (Colégio Imaculada Conceição) instituições tradicionais e outras da rede pública.

Além de ser referência para a região como centro de ensino, Barbacena também se destaca e atrai muitos visitantes devido a saúde e o comércio diversificado, sendo uma referência nestes três quesitos. Em 2019, o salário médio mensal era de 2.1 salários mínimos (IBGE).

Barbacena caracteriza-se por um clima ameno, com invernos bem frios e verões frescos, mas que não são frios. Tendo seu clima classificado como quente e temperado, chove bem menos no inverno que no verão. A classificação do clima é Cwb segundo a Köppen e Geiger (sistema de classificação global dos tipos climáticos mais utilizado em climatologia) (CLIMATE-DATA). Como pode ser visto no gráfico abaixo (Gráfico 2), 21.0 °C é a temperatura média do mês de Fevereiro, o mês mais quente do ano. E 15.2 °C é a temperatura média de Julho, o mês mais frio do ano. Nota-se também que durante o ano a temperatura permanece consideravelmente baixa (CLIMATE-DATA).

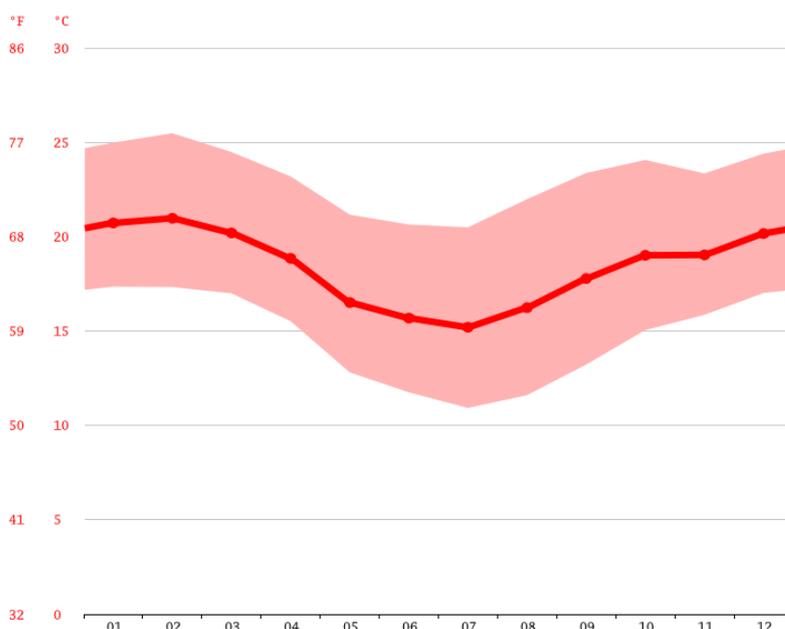


Gráfico 2: Temperatura média de Barbacena ao longo do ano.
Fonte: Climate-data.org

Segundo Savassi (1989), o município se encontra em um antigo sítio de aldeias de índios puris. Foi a partir do século XVII, que seus primeiros povoadores surgiram, paulistas e portugueses, que desbravaram esta região, inicialmente trabalhando na mineração e posterior com lavouras e criação, facilitados pela abertura do “Caminho Novo”. Em 1744, junto à construção de uma Igreja Matriz, surgiu o Arraial da Igreja Nova da Borda do Campolide, o atual município de Barbacena.

O autor ainda afirma, que o desenvolvimento do Arraial em torno da Matriz, se deu também devido a sua vantajosa posição comercial, que era no encontro entre o Caminho Novo e o Velho. Destacando o fato de que em 1791, foi declarado pelo Governador da Capitania, Visconde de Barbacena, a criação de uma nova vila, cujo nome homenageia o Governador, cujas primeiras divisas confrontavam com a província do Rio de Janeiro.

Foi somente em 1840, com o crescimento da população, que foi elevada à cidade o vilarejo de Barbacena. O autor cita também alguns fatos históricos relevantes deste município, como a adesão a Revolução Liberal, cujo município foi declarado sede do governo da província e ficaram presos na Cadeia velha vários revolucionários. A cidade também hospedou o Imperador D. Pedro II, em 1889, em uma viagem a Minas Gerais. (Savassi, 1989, p.37)

No fim do século XIX, segundo Savassi (1989), a cidade passou por uma forte imigração de Italianos, devido a uma política do império. Tal fluxo colaborou com o crescimento da cidade, diversificando as atividades comerciais, agrícolas e industriais. Porém se destacou neste período na produção têxtil, a cidade se tornou o berço da sericicultura a nível nacional, por um longo tempo.

No início do século XX, período em estudo, especificadamente em 1903 foi fundado o Hospital Colônia de Barbacena, com o intuito de tratar pacientes com doenças psiquiátricas, que acabou se tornando referência nacional. Por muito tempo a cidade foi conhecida como a cidade dos loucos, devido a grande quantidade de pacientes que chegavam ao município por trem em lotados vagões. Porém, o hospital operava muito acima de sua capacidade e os pacientes viviam de forma sub-humana, o que após muitas mortes, acarretou denúncias e seu fechamento, pois não correspondia às novas abordagens da psiquiatria (SAVASSI, 1989, p.41). Atualmente funciona um museu na antiga edificação, relatando este triste episódio, com o nome de “Museu da Loucura”.

Com o advento da República e nos primeiros anos deste século, o município era considerado a sede dos políticos, sendo cogitado como um dos pontos prováveis para a Capital de Minas Gerais, que estava em Ouro Preto (SAVASSI, 1989, p.44).

Na noite de 28 de setembro, de 1905, a cidade de Barbacena se viu iluminada pela luz elétrica pela primeira vez, marcando uma nova fase de progresso e mudanças de hábitos (SAVASSI, 1989, p.45). O autor ainda cita que foi graças a ação de Crispim Jacques Bias Fortes, pai do primeiro proprietário da casa em estudo, José Francisco Bias Fortes, que a cidade teve a construção de uma grande usina hidroelétrica, inaugurada em 1918.

Foi no governo de Hermes da Fonseca, no início do século XX, por influência de seu amigo Bias Fortes, que este promoveu diversas melhorias federais para a cidade de Barbacena. Como a Estação Sericícola, a Escola Agrotécnica, que atualmente funciona o IF Sudeste, o Colégio Militar, que posteriormente se tornou a Escola Preparatória de Cadetes do Ar e finalmente o ramal de trem da Oeste de Minas, hoje a R. M. V. (SAVASSI, 1989, p.47). Nota-se então que a família proprietária da casa que será foco do presente estudo de caso teve grande influência no desenvolvimento da cidade no período da república, e eram de grande renome e pertencente a oligarquia de Minas Gerais.

4.2 - Solar dos Bias Fortes, 1915, Barbacena- MG

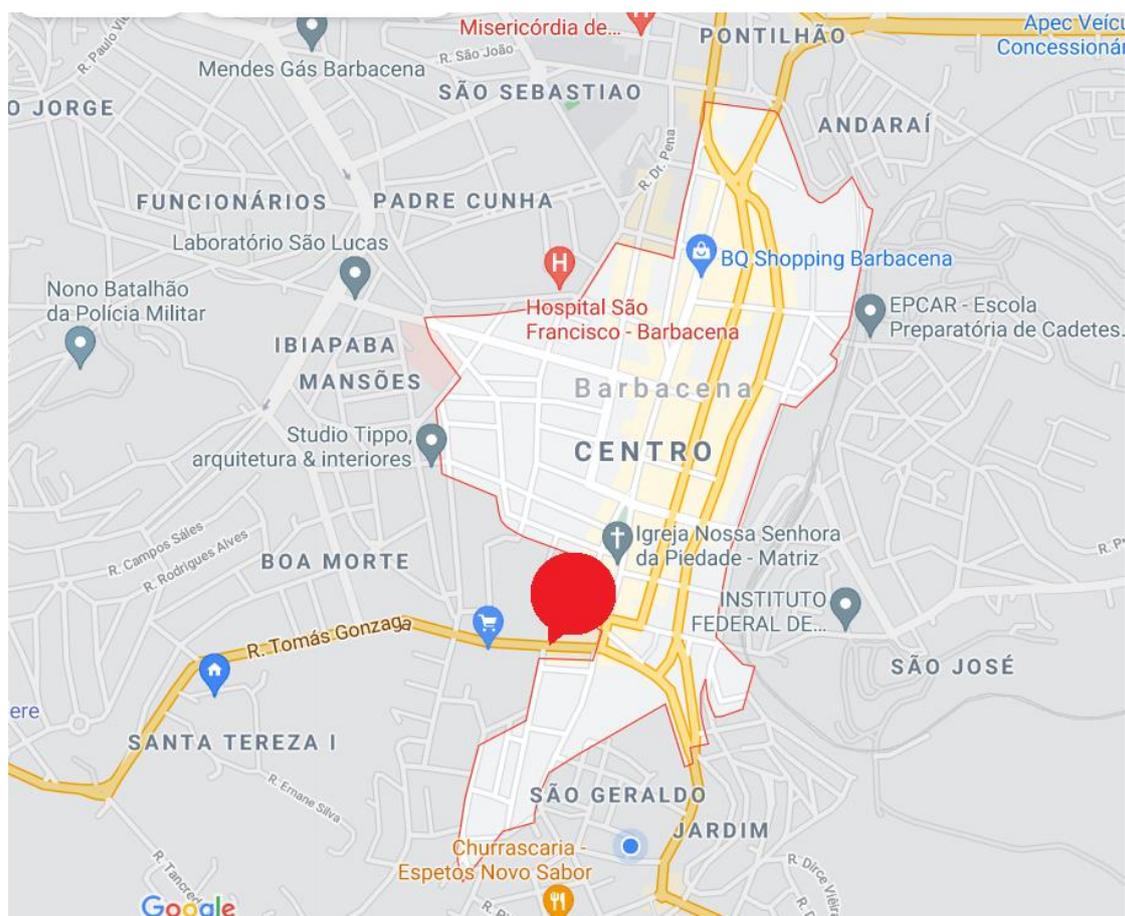


Figura 2: Delimitação do Centro da cidade de Barbacena e no ícone vermelho a localização do Solar dos Bias Fortes.

Fonte: Goggle Maps.

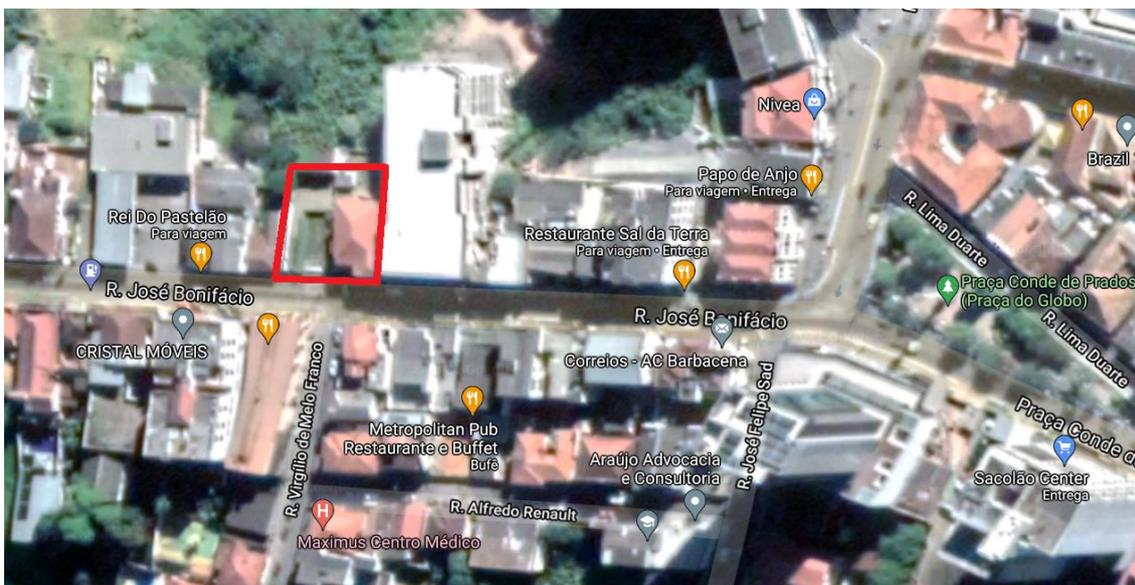


Figura 3: Delimitação dos limites da propriedade dos Bias Fortes e seu entorno.
Fonte: Goggle Maps.

A casa em estudo é um sobrado urbano, de dois pavimentos, mais o porão no subsolo, localizado na região central de Barbacena, Minas Gerais. A casa se encontra próxima a divisa do centro com o Bairro Boa Morte, porém se encontra neste último, se trata de uma região privilegiada, a poucos metros da Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade, primeira Matriz da cidade, e da Praça Conde de Prados. (Figura 2).

Quanto às tipologias das edificações de seu entorno, seguindo sentido a Praça Conde de Prados, mesmo sentido do centro, há prédios de três até dez pavimentos, em uma tipologia mais verticalizada, típica dos centros urbanos contemporâneos. Seguindo a esquerda do Solar dos Bias Fortes, sentido Bairro Boa Morte, ainda prevalece uma tipologia de casas térreas, que provavelmente datam de período próximo à casa em estudo, porém atualmente foram locadas como pontos comerciais (Figura 3).

Não se tem relato do início e do tempo de duração da obra, mas a sua conclusão se deu em 1915. A edificação foi tombada pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Barbacena, no ano de 2007, a pedido da família e por seu valor histórico e arquitetônico (*informação verbal*)¹. Além disso, a edificação tem grande valor afetivo para a família, o que influenciou em sua total conservação construtiva e de mobília, permanecendo o andar superior onde a família passava maior parte do dia, intacto, com a maioria dos móveis em seus locais originais, bem como artigos de decoração, portas e janelas.

¹ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

A casa pertencia a José Francisco Bias Fortes e foi construída em virtude de seu casamento (*informação verbal*)². José Francisco ingressou na Faculdade de Direito do Estado de Minas Gerais, em 1908, após a conclusão voltou para sua cidade natal, casou-se e se estabeleceu em Barbacena (Bias Fortes, 1991).

José Francisco pertencia a uma família com tradição política, seguindo os passos do pai, foi vereador e no ano em que se concluía a construção da casa, em 1915, foi eleito Deputado Estadual (Bias Fortes, 1991). Tal envolvimento na política perdurou por toda sua vida, chegando ao posto de Governador do Estado de Minas Gerais, no ano de 1956 (Figura 4). Logo, nota-se que trata-se de uma família de classe alta, em sua origem pertencentes a oligarquias rurais. A família possuía também uma fazenda com uma casa mais ampla, usada para descanso. Mas devido à vida pública de José Francisco, como advogado e político, fez-se necessário esta casa na cidade, onde passavam então, a maior parte do tempo (*informação verbal*)³.



Figura 4: Reunião de lideranças políticas em frente ao Solar dos Bias Fortes, data desconhecida.
Fonte: Acervo da Família.

² Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

³ *Idem*.

A edificação é caracterizada por um estilo neoclássico tardio, devido à data em que foi construída, em 1915. É possível perceber isto na simetria nas janelas e portas, planta geométrica, frontão e elementos greco-romanos aplicados em suas fachadas. Com aproximadamente 500 m² de área construída (Figura 5).



Figura 5: Solar dos Bias Fortes, data desconhecida.
Fonte: Acervo da Família.

Com uma implantação comum para o estilo neoclássico do início do século XX, influência europeia, a edificação não se encontra centralizada no terreno, mas deslocada para a lateral direita, deixando uma área vantajosa para o jardim. Na outra extremidade do terreno se encontra a passagem para os veículos acessarem a garagem e também o quintal, que possui uma baía de cavalo, pois o veículo usado pela classe alta era a carruagem (Figura 6).

As inovações do fim do século XIX, citadas no capítulo dois, embora de forma um pouco tardia também ocorreram na construção desta edificação. Muitos elementos construtivos usados foram trazidos do exterior, em navios, como o gradil da escada e da varanda frontal, os revestimentos e ladrilhos hidráulicos dos banheiros e cozinha, as pedras usadas na escada e etc., não se sabendo

entretanto, ao certo quais foram todos estes elementos e mobílias importados (informação verbal)⁴. A adesão ao neoclássico, que foi possível somente para famílias mais abastadas, conforme já visto neste estudo, devido ao elevado custo da mão de obra artística especializada e de tais produtos importados, reafirma o padrão da moradia.

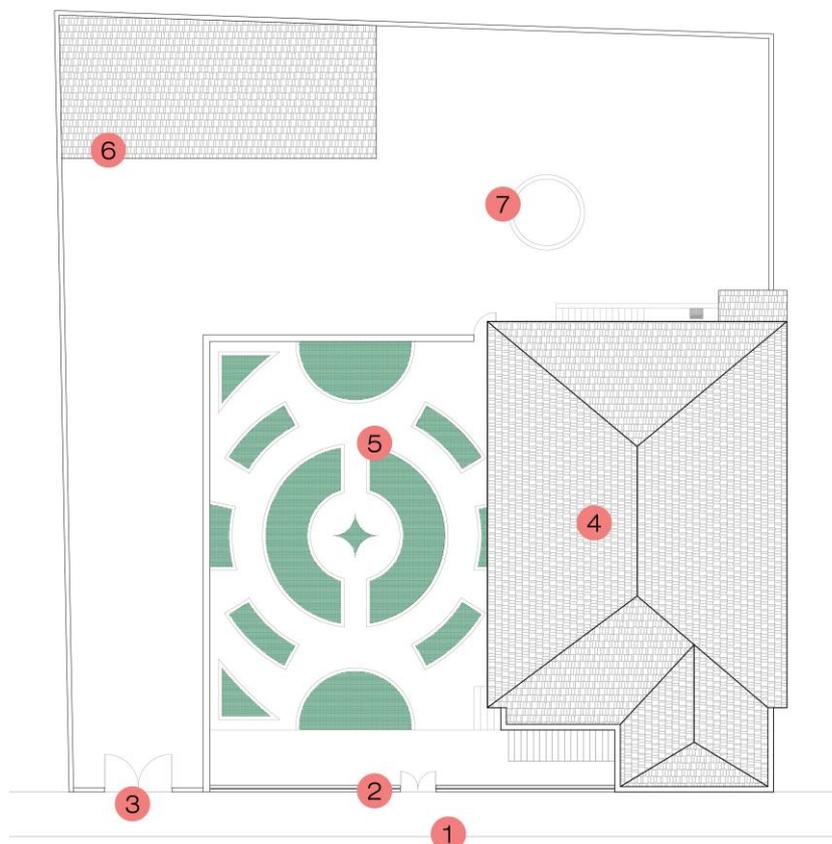


Figura 6: Desenho de vista superior do Solar dos Bias Fortes, Barbacena.
Fonte: Do autor, 2021.

LEGENDA DA VISTA SUPERIOR:

- 1- Calçada
- 2- Portão de pedestres
- 3- Portão da garagem
- 4- Casa
- 5- Jardim cercado
- 6- Garagem
- 7- Baia

⁴ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

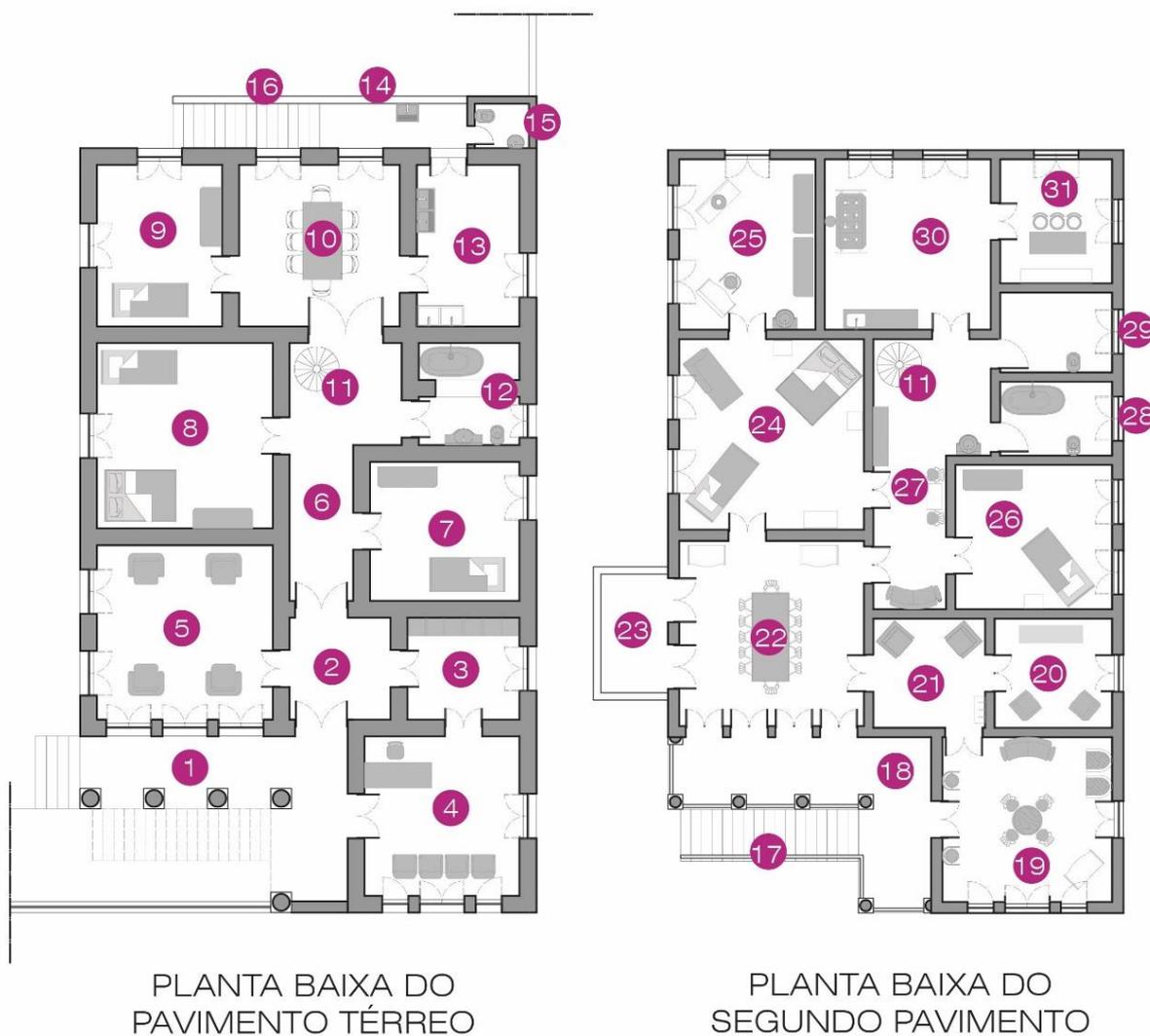


Figura 7: Planta baixa dos dois pavimentos do Solar dos Bias Fortes.
Fonte: Do autor, 2021.

LISTA DE CÔMODOS DO PAVIMENTO TÉRREO

- | | |
|--------------------------------------|-----------------------------------|
| 1 - Alpendre | 10 - Copa |
| 2 - Hall de entrada | 11 - Escada caracol |
| 3 - Antessala/ Biblioteca | 12 - Banheiro |
| 4 - Sala de atendimento (público) | 13 - Lavanderia |
| 5 - Sala de espera/reunião (público) | 14 - Tanque externo |
| 6 - Corredor | 15 - Banheiro de serviço |
| 7 - Quarto | 16 - escada para o quintal/ porão |
| 8 - Quarto | |
| 9 - Quarto <i>chofer/</i> empregados | |

LISTA DE CÔMODOS DO SEGUNDO PAVIMENTO

- | | |
|-----------------------|--------------------------------|
| 17 - Escada externa | 25 - Quarto de trocar-se |
| 18 - Varanda coberta | 26 - Quarto de filhos |
| 19 - Sala de Visitas | 27 - Corredor |
| 20 - Saleta com piano | 28 - Banheiro/ banheira e bidê |
| 21 - Antessala | 29 - Banheiro/ vaso |
| 22 - Sala de Jantar | 30 - Cozinha |
| 23 - Varanda lateral | 31 - Despensa |
| 24 - Quarto do casal | |



Figura 8: Planta baixa dos dois pavimentos do Solar dos Bias Fortes, com marcação de setores. Fonte:Do autor, 2021.

LEGENDA DE SETORES:

- | | |
|---------------------------------|---------------------------|
| ▷ Atendimento ao público | ▷ Setor de serviço |
| ▷ Setor íntimo | ▷ Setor social |

Como podemos analisar nas figuras 7 e 8, nas plantas do térreo e do segundo pavimento do Solar dos Bias Fortes, construído em 1915, nota-se a demarcação dos setores íntimo, social e serviço bem delineada. Os ambientes de cada setor se encontram articulados, mesmo que aconteçam em pavimentos separados, possuindo fluxos facilitadores, como uma escada caracol interligando os ambientes de serviço dos dois pavimentos.

Pode-se afirmar que esta edificação traz em si muito das inovações do fim do século XIX, tais como a setorização, a valorização do setor social da casa e a especialização dos cômodos, possuindo cada um sua função. Apresenta ainda dispositivos e arranjos quanto à circulação, incluindo corredores, halls e escadas, que facilitam um fluxo organizado e pré definido. Trata-se de um claro exemplo de materialização da busca pela privacidade, do século XIX. Neste sentido, destaca-se ainda o fato dos cômodos, em sua maioria, possuírem uma única porta, principalmente os mais íntimos, o que confere privacidade nestes ambientes, uma vez que não é necessário passar dentro de um cômodo para se chegar ao outro, fazendo que não sejam ambientes de passagem, como acontecia nos arranjos espaciais domésticos dos séculos anteriores.

A organização espacial se distingue ainda do modelo antigo onde todos os cômodos tinham suas portas abertas para uma sala central, sem corredores de circulação. Nota-se as salas posicionadas estrategicamente no setor social, mais próximas da rua e dos acessos externos, com corredores internos para área íntima e de serviço.

Há três acessos que possibilitam adentrar a casa, o primeiro acesso é o principal, que é um dos acessos frontais da casa: trata-se de uma escada escultural em ferro fundido, um elemento nobre e marcante na fachada. Tal acesso chega direto no setor social da casa, no segundo pavimento, composto pela varanda, sala de visitas e sala de jantar. É um acesso público e ostensivo, usado para receber visitas importantes. Neste caso, o visitante não tem acesso ao interior da casa, a não ser que seja convidado (Figura 9).

A varanda faz essa transição entre espaço público e privado, permite visualizar o exterior sem perder a privacidade, o que pode ser constatado, tanto na varanda do pavimento superior quanto na do térreo, que também pode ser classificada como um alpendre, pois é coberta pela projeção da varanda superior. Este alpendre é o segundo acesso para a casa, trata-se de um acesso no térreo que parece ser inicialmente uma extensão do espaço público, pois se abre a um grupo maior e menos próximo da família do que aquele composto pelos membros de seu círculo social: é a partir do alpendre que se chega à, sala/escritório onde o proprietário exerce sua atividade de advogado e recebe seus clientes e onde posteriormente, já na posição de político, ele

recebe as pessoas de classes mais baixa (*informação verbal*)⁵. Era bem comum na época ter espaço reservado para o trabalho no pavimento térreo dos sobrados, fossem políticos, médicos ou advogados. “O *piso térreo compromete-se com o serviço, armazenamento e contato com o público, Aí se localizam o comércio, o depósito, a oficina e, eventualmente, o hóspede*” (Veríssimo e Bittar, 1999, p. 48).

Segundo Veríssimo e Bittar (1999, p. 30), “*a varanda, rural ou urbana, é o principal elemento filtrante do exterior, permeando apenas o que interessa a intimidade da família...*”. conclui-se que ao receber um visitante na varanda, ele só adentrava à casa se fosse convidado ou íntimo da família.



Figura 9: Acesso principal pela escada escultural, externa à casa, dando acesso ao segundo pavimento.

Fonte: Acervo da família.

⁵ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Esta parte de atendimento ao público se articula com a parte íntima da casa a partir de uma dupla porta. Este dispositivo que permite a passagem de um espaço semipúblico diretamente para um espaço íntimo, sem transição, é bastante surpreendente, e imagina-se que a privacidade devesse ser assegurada pelo trancamento desta porta, que faz as vezes de porta de entrada, vedando efetivamente qualquer fluxo que não o dos moradores.

O terceiro acesso corresponde ao acesso de serviço, que acontece aos fundos da casa, através de uma escadinha tímida e estreita, que chega direto na lavanderia e copa, no pavimento térreo (Figura 10). Este acesso era usado pelos empregados, e se articula com o porão ou com os serviços do quintal, evitando a circulação pelas áreas sociais e íntimas, a não ser para prestação de algum serviço aos patrões. Curiosamente, como já citado, existe no meio da casa um escada em caracol, conectando os dois pavimentos. Esta escada era usada pelos ocupantes dos quartos do andar inferior, mas também pelos empregados para um fluxo vertical entre cozinha e copa; sem precisar circular pelos setores sociais e íntimos do restante da casa.

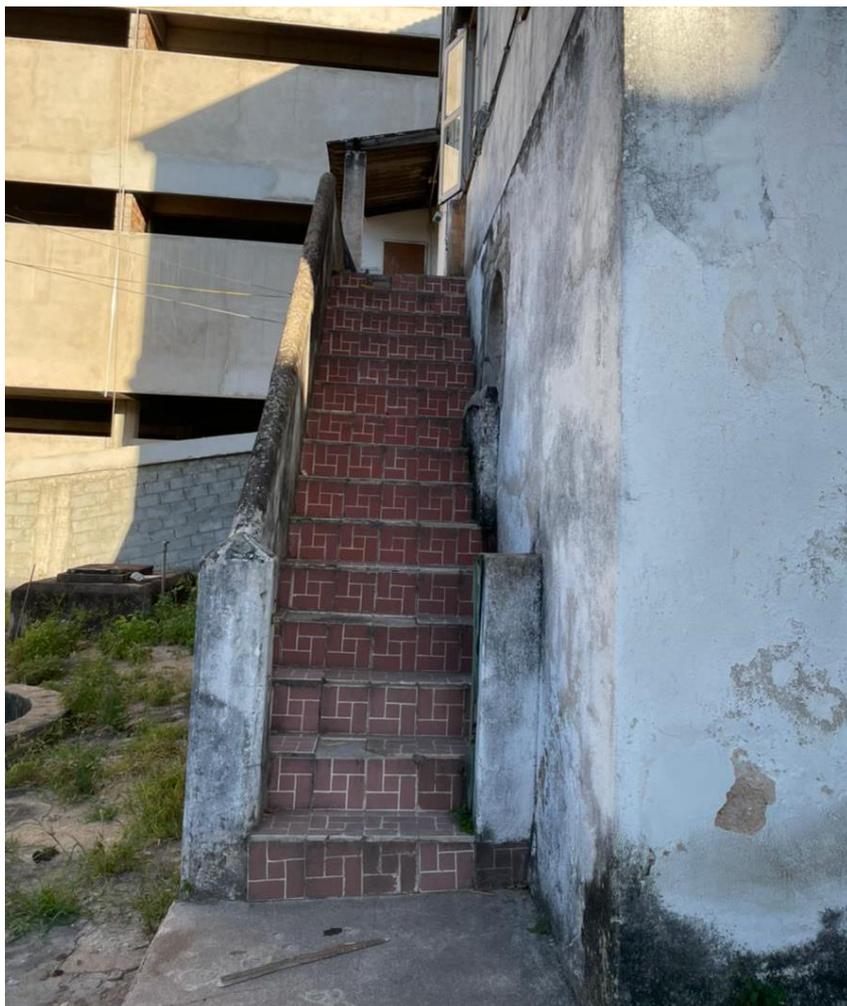


Figura 10: Acesso 3, por escada aos fundos casa.
Fonte: Do autor, 2021.

A distinção destes três acessos, indicados na figura 11, revela muito das relações sociais da época, ainda arraigadas pelo segregacionismo de classes ou etnias, refletindo raízes senhoriais e servis, além de relações baseadas em aparências e status.

A partir da análise do interior da casa é possível perceber um espaço doméstico invertido, já que, como visto, a entrada principal se dá pelo segundo andar, onde estão as salas e cozinha, descendo-se para os quartos, no pavimento térreo, algo incomum nos tempos atuais. Provavelmente buscava-se por valorizar a área social da casa situando-a em um andar mais elevado, conferindo-lhe status e poder, e ao mesmo tempo garantir privacidade ao espaço de socialização da família, por meio de distanciamento com relação ao espaço de atendimento ao público do andar térreo.



Figura 11: Os três acessos indicados em planta.
Fonte: Do autor, 2021.

O jardim, na lateral da casa, ocupa um grande espaço, como pode ser visto na figura 12, que pode ser visto a partir da calçada da rua, pois é cercado por um gradil vazado, e também das varandas do andar superior e das janelas laterais de ambos pavimentos, este possui um ar de contemplativo. Existe um muro que separa o jardim do restante do quintal e também do acesso para a garagem e baia de cavalos. Nota-se que o quintal é todo voltado para o serviço, os empregados recebiam ali os cavalos dos visitantes e familiares, enquanto estes se reuniam na casa (*informação verbal*)⁶. Este muro aparenta ser uma tentativa de esconder os serviços que aconteciam naquele quintal, o trato dos cavalos, as roupas no varal, os empregados varrendo o terreiro e etc., revelando mais uma vez uma preocupação com a setorização das atividades.



Figura 12: Vista superior do Solar dos Bias Fortes.
Fonte: Acervo da família.

A garagem era mantida nos fundos do terreno, por se tratar de um local de serviço, onde os funcionários ficavam cuidando dos carros ou dos cavalos, ou o local de espera dos motoristas de alguns visitantes. Segundo Veríssimo e Bittar esta configuração das edificações nos lotes no século XIX já acontecia conforme vê-se neste estudo:

⁶ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

“Os novos lotes são mais generosos, com jardins frontais, normalmente à francesa, e laterais, este de gosto inglês, permitindo a passagem do veículo para uma edícula aos fundos que o abrigará.” (Veríssimo e Bittar, 1999, p. 51)

Durante as décadas seguintes, a garagem ficara nesta posição de serviço, discreta e submissa, refletindo a relação com o automóvel da época, que irá se modificar somente a partir da década de 1950. Segundo Veríssimo e Bittar (1999, p:52), “quando chega o veículo/ automóvel, seu alojamento é o mesmo concedido à antiga carruagem, num ângulo do pátio, serviçal, lá atrás. Muitas vezes a atual garagem é uma antiga cocheira”. Este outro fato também justifica o local da garagem, aos fundos, perto da baia de cavalos, provavelmente construída para abrigar carruagens.

Com relação à organização dos espaços dentro da casa, no térreo encontram-se alguns ambientes que fazem parte do setor íntimo da casa, dois quartos e um banheiro. Porém, conforme já visto, a dupla porta a dupla porta que separa o corredor íntimo interno, da área de atendimento ao público mantém sua privacidade. Tais quartos provavelmente pertenciam aos filhos mais velhos e/ou visitantes.

Para esse corredor no térreo abrem-se banheiro e quartos e ele conduz a um hall, onde se encontra a escada em caracol que leva ao pavimento superior e uma dupla porta que se abre para a copa e setor de serviço da casa, localizado ao fundos. A copa era o ambiente onde a família fazia suas refeições do dia-a-dia, que eram mais rápidas, na época comumente aparecia agregada à cozinha, porém nesta edificação estudada, a cozinha está no andar superior, e se conecta com a copa pela escada caracol.

Segundo Veríssimo e Bittar (1999), a antecessora da copa, chamava-se “*sala de viver*” em períodos coloniais, local onde no correr do dia as mulheres assistiam aos trabalhos das escravizadas, afastadas das áreas sociais e íntimas. É por seu histórico que tal ambiente encontra-se no setor de serviço, mesmo sendo local onde se juntava a família para as refeições.

Com o gosto eclético, na virada do século (XIX para XX), a “sala de viver: é abolida na classe média, transformada em sala de jantar, enquanto nos palacetes se associa a cozinha como copa ou “sala de almoço”, aposento destinado a refeições mais íntimas e informais” (Veríssimo e Bittar, 1999, p. 117).

Com abertura direta para a copa, tem-se um quarto, que provavelmente era usado por empregados ou *chofer* que tenham precisado pernoitar ali. O fato de um ambiente íntimo, como quarto, abrir para a copa e não para um corredor, conforme os demais quartos da edificação, é resquício de uma organização espacial de épocas anteriores em que os espaços abriam para salas centrais,

onde não havia fluxos bem delimitados. Isto também demonstra que tal cômodo, por ser de uso dos empregados, não exigia tanta privacidade quanto os demais.

Outro ambiente que se conecta à copa é um ambiente com tanque e pias, que se aproxima muito das lavanderias contemporâneas, usado para lavar roupas e também vasilhames. Da lavanderia acessa-se o quintal, por uma escada externa, aqui já citada, havendo também mais um tanque do lado de fora da casa, sendo que o quintal é a extensão desta área de serviço. Há, próximo à escada, um banheiro externo que era de uso dos empregados e/ou viajantes. Tal banheiro externo acoplado à casa, comum nesta época, atualmente ainda é replicado em apartamentos, com o nome de banheiro de serviço, conectado à lavanderia.

Como já mencionado, a abolição da escravatura e a proclamação da República produziram significativas alterações na configuração espacial das casas, “fosse rural ou urbana, cujo funcionamento dependia dele [escravizado] e cujo programa sem ele teve de ser não somente reduzido como modificado na sua orgânica e no seu funcionamento” (SANTOS, p.75). Estes fatos contribuíram para a redução da dimensão de lotes urbanos, com quintais mais reduzidos, como uma área delimitada para o serviço com tanque agregado a um banheiro, fora da casa, como no caso em estudo. Estes são os reflexos dos fatos marcantes do século XIX e que se refletiram no século seguinte, principalmente no setor de serviço das casas.

Existe também, sob a copa, um porão, que em uma parte abrigava o caseiro e sua família e na outra era depósito de ferramentas e materiais; ele foi praticamente preservado sem alterações, o que pode ter mudado com o tempo foi o banheiro que ganhou um chuveiro (*informação verbal*)⁷. Composto por quatro cômodos, uma sala, dois quartos e um banheiro (Figuras 13 e 14).

Subindo ao segundo pavimento, ainda no setor de serviço, temos a cozinha que conecta-se a copa e lavanderia pela escada caracol, tendo este acesso direto entre elas, evitando a circulação dos empregados nas áreas íntimas e sociais. A cozinha é o ponto central deste setor, que sofreu alterações significativas em seu tamanho ao longo do tempo, decorrente de mudanças sociais, novos equipamentos, modificação de mão-de-obra e etc.

Como já apontado neste trabalho, foi ao final do século XIX, com a abolição da escravidão em 1822, com a mão-de-obra imigrante branca e com a importação de produtos manufaturados é que se encontrará uma maior presença da

⁷ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

mulher “civilizada” nesta área, gerando grandes transformações. Sabe-se também que a cozinha rural difere da urbana em dimensão, porém as funções permanecem as mesmas. Como na edificação em estudo é possível perceber um tamanho reduzido deste ambiente, se comparado as cozinhas das fazendas do período colonial.



Figura 13: Acesso ao porão sob escada externa.

Fonte: Do autor, 2021.

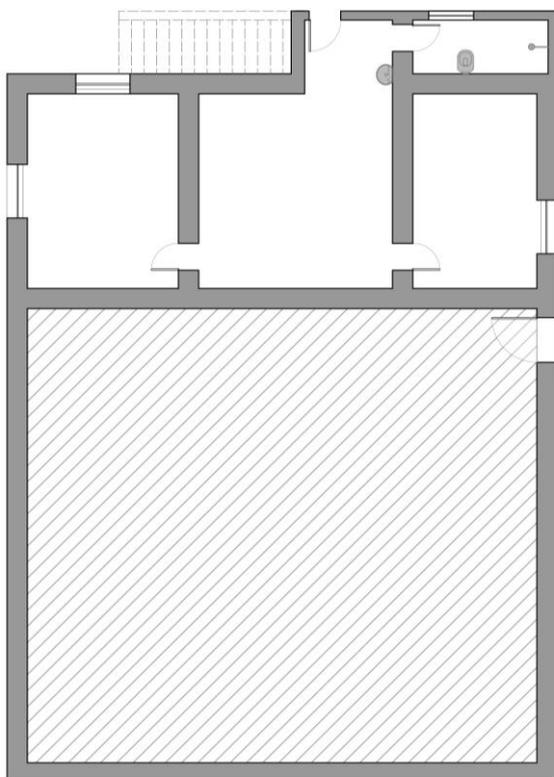


Figura 14: Planta baixa do porão.

Fonte: Do autor, 2021.

Foi também os conceitos sanitários do século anterior que trouxeram para este ambiente mais organização e higiene. Esta já possuía água corrente na pia e piso em ladrilhos importados da Europa, juntamente com o fogão de ferro que permanece a lenha, porém com duto encaminhando a fumaça, ver figura 15 e 16. Segundos Santos (2011), com maior presença da mulher na cozinha, mesmo que seja para fiscalizar o serviço, os materiais usados começam a ser mais laváveis, duráveis e de aparência mais formal, nota-se pela meia parede revestida por cerâmica na casa deste estudo.



Figura 15: Cozinha, no segundo pavimento, com janelas para o quintal.
Fonte: Do autor, 2021.



Figura 16: Cozinha, no segundo pavimento, com azulejos e água encanada.
Fonte: Do autor, 2021.

Com estes novos materiais a cozinha não precisava mais ser externa à casa, como no período colonial, onde procuravam afastar o calor e a fumaça, agora ela se aproxima da sala de jantar, principalmente nas casas de classe mais alta. Por isso se encontra no segundo andar, conectada ao setor social, onde se recebia pessoas importantes e fazia-se jantares especiais, o que seria atípico nos dias atuais.

“A cozinha vai ocupar seu lugar determinado no organograma das novas casas. Ela deve ficar próxima aos quintais, no fundo da casa, porém dentro dela, com acesso fácil à sala de jantar das casas mais ricas ou à copa das casas de classe média ”
(Veríssimo e Bittar, 1999, p. 112).

Ao lado da cozinha existe uma dispensa para guardar mantimentos e também era o local onde os funcionários faziam suas refeições, de forma excludente e segregada dos patrões. Esta família de classe alta, que possuía também uma casa de campo, provavelmente tinha seu setor de serviço mais amplo e alojamento de empregados na casa de campo, e não na casa da cidade (*informação verbal*)⁸. No lote urbano encontramos uma miniatura do que seriam estes ambientes na área rural.

Ainda no segundo pavimento está o restante do setor íntimo da casa incluindo o quarto do casal, que possui um cômodo acoplado a ele para trocar-se, chamado boudoir, um quarto usado por filhos e dois banheiros. O setor íntimo ocorre assim em dois pavimentos ligados pela escada em caracol ocupando o centro da casa, afastado da frente, sem vista para rua, buscando privacidade, mas com grandes janelas laterais, buscando salubridade utilizando novos materiais chegados ao país.

Os quartos foram cômodos que sofreram poucas alterações nos séculos iniciais da história do Brasil, mantendo-se como ambientes para repouso, oração, sono, convívio e relações sexuais. Inicialmente eram alcovas, sem janelas, localizados na parte central da casa, como forma de isolamento, onde havia janelas somente em ambientes de áreas mais sociais. Foi somente a partir do século XIX, com a popularização do vidro em guilhotinas encaixilhadas que se abriu janelas para as laterais, formando-se os quartos, como no caso que está sendo estudado (Veríssimo e Bittar, 1999, p. 90). Como pode ser visto na figura 17, o quarto do casal tem uma cama de solteiro, usada ocasionalmente por filho doente e um *recamier*, uma espécie de sofá para deitar, onde a dona da casa descansava e onde ficava reclinada para receber algum tipo de serviço de beleza, como pintar unhas ou escovar os cabelos (*informação verbal*)⁹.

⁸ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

⁹ *Idem*.

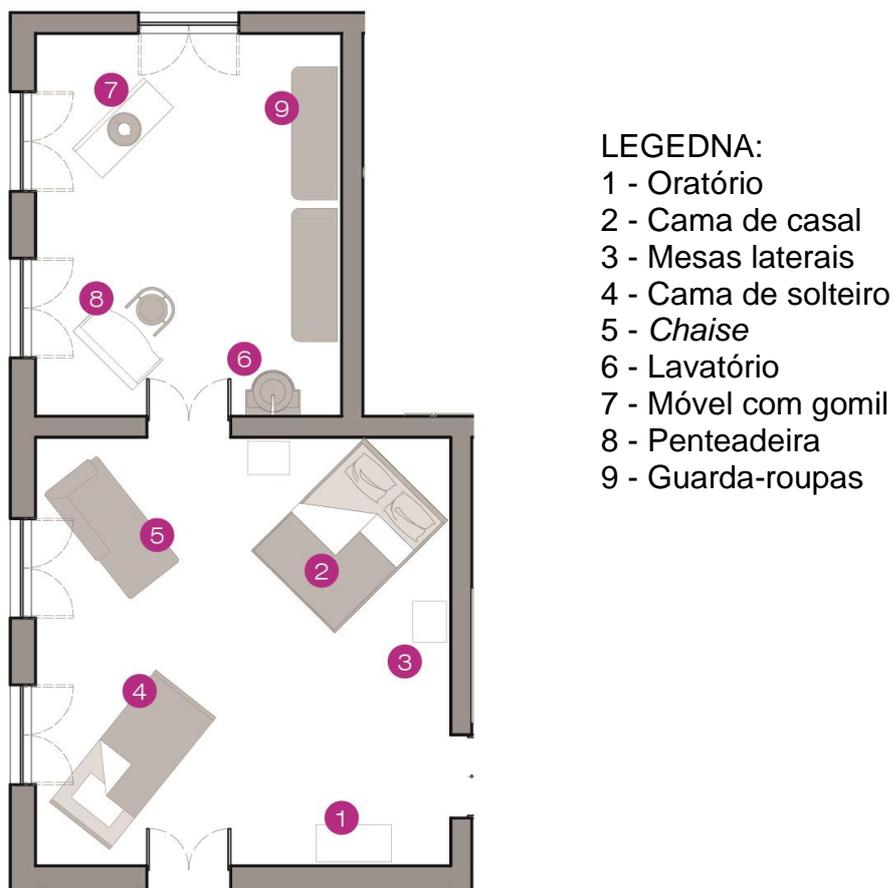


Figura 17: Planta baixa do quarto do casal.
 Fonte: Do autor, 2021.

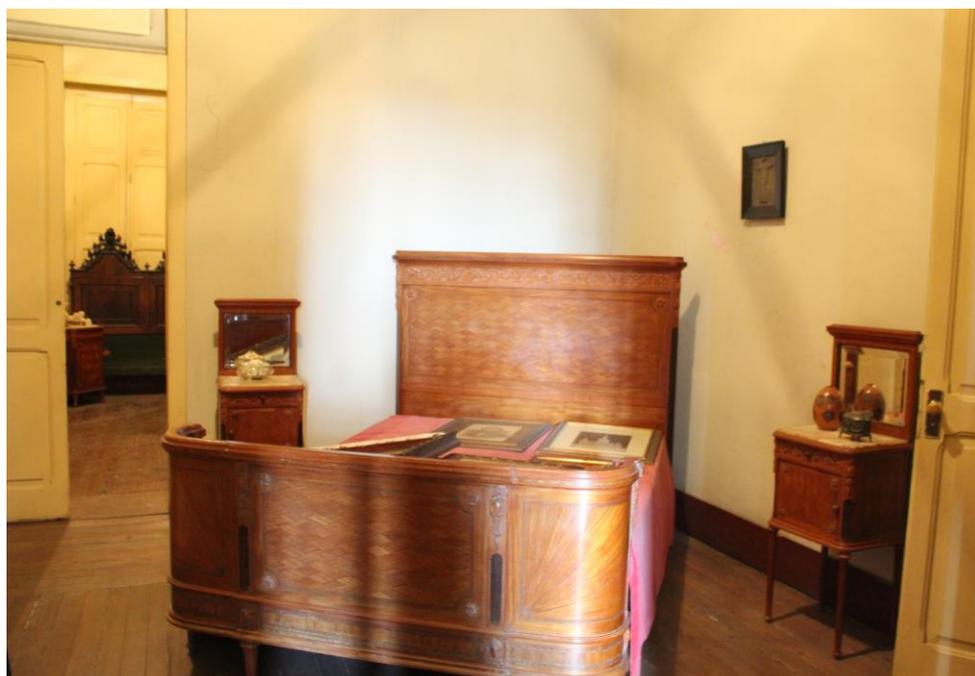


Figura18: Quarto do casal, e vista da porta do boudoir, no segundo pavimento.
 Fonte: Do autor, 2021.

Acoplado ao quarto do casal tem-se um cômodo menor, como se pode ver na planta baixa apresentada anteriormente (Figura 17), conhecido como *boudoir*, uma saleta usada para trocar-se. O fato do trocar de roupas estar separado do banheiro, é sinal de que o banho deveria ser um evento esporádico se comparado à troca de roupas. Este conecta-se ao quarto por uma porta de madeira de duas folhas, igual as dos demais ambientes, como pode-se ver na figura 18.

Havia neste cômodo dois guarda-roupas, uma pia, um móvel com gomil apoiado e uma penteadeira, ver figura 19. Tal cômodo é um artigo de luxo, pois nas casas de menor poder aquisitivo, não existia este cômodo e nem guarda-roupas, as roupas ficavam guardadas em baús, fato já citado aqui. Gomil é um jarro de boca estreita, apoiado em uma bacia, próprio pra lavar mãos e rosto (DICIO, 2021). Neste móvel também ficavam apoiados sabonetes para higiene pessoal (*informação verbal*)¹⁰.



Figura19: A esquerda móvel com gomil apoiado e a direita penteadeira.
Fonte: Do autor, 2021.

O quarto possui duas portas, que por sua disposição parece uma facilitação na circulação, algo que era comum em época anterior, mas que ainda são resquícios de pouca privacidade, algo incomum atualmente. Foi relatado em

¹⁰ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

entrevista que era uma forma do patriarca da família conseguir acompanhar tudo o que acontecia na casa, da porta que dá para o corredor é possível ver outro quarto, que pertencia a filha solteira, ou que demandava maior atenção (*informação verbal*)¹¹. Aqui a privacidade ainda está sujeita a policiamento, exemplificado nas duas portas deste quarto, tal partido se fez presente por muito tempo.

A porta do quarto ligada a sala de jantar, era um partido comum na primeira década do século XX, pois o quarto do casal a frente da casa junto com a sala garantia um certo *status* e grau de hierarquia dos ocupantes. Esta disposição que em termos de fluxo é insatisfatória, com cruzamentos desnecessários, a sala se transforma na passagem entre o íntimo e social, comprometendo a privacidade.

Compondo ainda o setor íntimo tem-se os banheiros. Localizando dois no segundo pavimento e um no pavimento térreo, o que se pode considerar um luxo para época, onde a quantidade de banheiros era muito reduzida nas casas, em sua maioria havia somente um por residência. O fato do banheiro acompanhar os quartos, tendo banheiro no térreo e segundo andar, demonstra uma busca por conforto e privacidade, uma prévia das suítes tão produzidas atualmente.

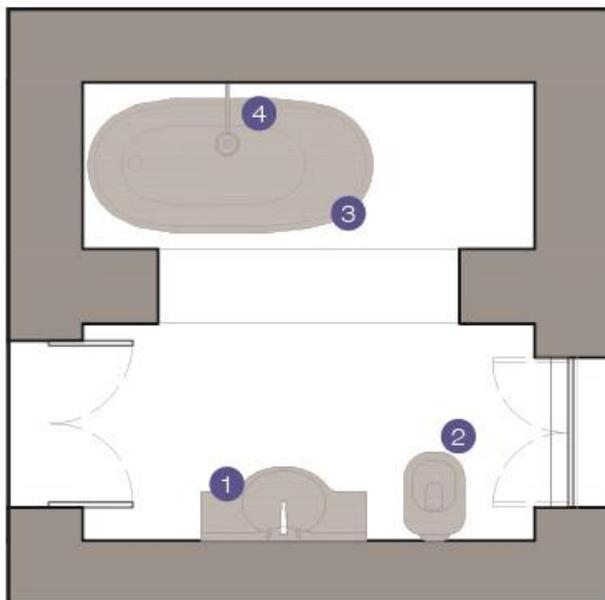
Veríssimo e Bittar (1999) afirmam que os banheiros eram ambientes que praticamente não existiam nas primeiras habitações, havia soluções portáteis, em recipientes que eram carregados pelos escravizados. Posteriormente, nas casas rurais, ele se tornou um casinha externa a casa, com uma espécie de fossa. Foi somente no século XIX com a chegada de materiais adequados, como tubulações, peças de ferro, louças, que começa-se a valorizar mais o *toilette*, acoplado à cozinha. Estes arranjos surgem primeiramente nas classes mais ricas e posteriormente nas mais pobres, sendo mais uma vez um hábito moldado pela classe alta.

No princípio do século XX vai ser introduzida a sofisticação na construção dos banheiros e também bons produtos de higiene, estes começam a ser construídos no interior das casas nobres urbanas, com piso em ladrilho hidráulico, parede com revestimentos e água encanada, ou até mesmo como nesta casa em estudo, que possuía água quente nos chuveiros através da serpentina do fogão a lenha (Veríssimo e Bittar, 1999, p. 101).

Como se pôde observar na planta do Solar dos Bias Fortes possui um banheiro no pavimento térreo, atendendo os dois quartos que haviam ali. Neste

¹¹ Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

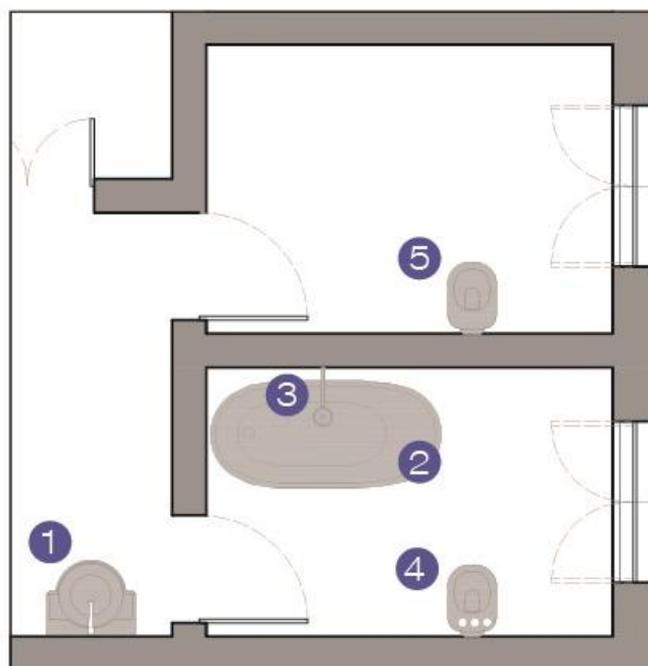
banheiro há um chuveiro sobre banheira, lavatório e vaso sanitário, com todos estes elementos em um mesmo cômodo, bem parecido com os banheiros dos tempos atuais, concentrando as funções de higienização e necessidade físicas, o que demonstra uma mudança de hábito, alcançada no século passado com ideias sanitárias e de privacidade (Figura 20).



LEGENDA:

- 1 - Lavatório
- 2 - Vaso sanitário
- 3 - Banheira
- 4 - Chuveiro / serpentina

Figura 20: Planta baixa do banheiro do pavimento térreo.
Fonte: Do autor, 2021.



LEGENDA:

- 1 - Lavatório
- 2 - Banheira
- 3 - Chuveiro / serpentina
- 4 - Bidê
- 5 - Vaso sanitário

Figura 21: Planta baixa do banheiro do segundo pavimento.
Fonte: Do autor, 2021.

No segundo pavimento tem-se uma outra estrutura de banheiros, porém dividida em dois cômodos, como pode ser visto nas figuras 21 e 22. Na primeira tem-se o chuveiro sobre banheira e um bidê, elementos para higiene. No outro cômodo havia somente o vaso sanitário, além do lavatório externo aos dois banheiros, no corredor, figura 23. Tal divisão demonstra uma coerência com a origem das atividades que aí ocorrem, que é diversa e só foram reunidas por uma questão econômica: diminuição de tubulação.

A solução adotada neste caso permite um maior conforto, separando a higienização da necessidade física, permitindo o uso simultâneo por dois membros da família. Pode-se dizer que se trata de um antecessor da semisuíte, atualmente proposta para os quartos dos filhos de famílias de classe alta.

Segundo Veríssimo e Bittar (1999) no início do século XX os banheiros geralmente localizavam-se no segundo pavimento, ficando no térreo apenas um lavabo ou lavatório, próximo à copa, consolidando a tradição do banheiro ser íntimo, vedado aos estranhos, (sendo uma grave falta de educação usar o banheiro da casa visitada).



Figura 22: Banheiro do segundo pavimento, separado do vaso sanitário.
Fonte: Do autor, 2021.



Figura 23: Lavatório externo ao banheiro no segundo pavimento.
Fonte: Do autor, 2021.

O setor social da casa, no segundo pavimento, é composto por sala de jantar e sala de visitas, com ante sala entre elas e uma saleta com piano. A sala de visitas no segundo pavimento, pode ser acessada pela escada escultural na frente da casa, é voltada para a rua, usada para receber visitas importantes. É um dos primeiros ambientes da casa, local muito decorado, com teto trabalhado, estátuas decorando e móveis de luxo, como pode ser visto nas figuras 24 e 25. Revela um hábito novo trazido no século passado com a elite portuguesa, o fato de receber visitas, mas ao mesmo tempo buscando resguardar a intimidade da família.

Por isso tal setor era tratado com muita formalidade, em sua decoração deveria refletir as posses e o *status* da família, o que justifica sua decoração. É a área que faz a transição entre o mundo e o espaço doméstico. E nesta casa a separação de tal ambiente, com porta externa e ante sala para o interior, fica nítida a formalidade, o resguardo e o filtro do mundo externo.

A organização do Solar reflete as mudanças sociais do século XX: a escravidão não existe mais e o fluxo da residência precisa ser reestruturado. A cozinha veio para próximo da sala de jantar, mas ainda não integra o setor social como atualmente, é considerada um ambiente de serviço e prevalência de empregados.



Figura 24: Teto da sala visitas no segundo pavimento.
Fonte: Do autor, 2021.



Figura 25: Sala visitas no segundo pavimento.
Fonte: Do autor, 2021.

A sala de jantar é voltada para a rua, com uma mesa grande, onde a família se reunia para almoços especiais e também para receber visitas. Tal ambiente era suprimido em casas de pequeno porte, que contavam somente com a copa, próxima à cozinha no setor de serviço. Por isso a sala de jantar no setor social é um espaço de luxo, que garantia certo *status*, de decoração também impecável com teto trabalhado e cristaleiras contendo peças de valor (Figura 26).

A chegada da sala de jantar mudou não somente o local de servir a comida, mas também a maneira e os horários de servi-la, tal fato se deu também com a chegada da luz elétrica, que na cidade de Barbacena foi em 1905; a casa em estudo já possuía iluminação em todos os cômodos, e o quadro com o medidor e disjuntores ficava no corredor do segundo pavimento. Era portanto possível fazer jantares à noite recepcionando os visitantes, um hábito novo após a luz elétrica.



Figura 26: Sala de jantar no segundo pavimento.

Fonte: Do autor, 2021.

Ao lado da sala de jantar existe uma varanda lateral, de porte pequeno, com vista para o jardim, possivelmente usada pelos fumantes, após o jantar ou para as mulheres contemplarem o jardim após o chá da tarde (*informação verbal*)¹². Esta varanda, diferente da frontal, não exerce o papel de transição público-privado, citado anteriormente, é mais um espaço, para lazer e bem estar dos moradores e visitantes.

O corredor de circulação, em ambos pavimentos liga as áreas de serviço às áreas servidas, desenvolvendo um papel de conexão. No quesito funcionalidade, são também corredores íntimos. Ao longo do século XX o corredor é aceito como um dispositivo de circulação e elemento essencial para privacidade, podendo às vezes ser rejeitado, por parecer um espaço inutilizado (Ramos, 2004). Mas como pode se observar na casa em estudo, é nítida sua relevância para a organização do espaço e para a construção deste novo conceito de privacidade, pelo qual a vida social permeia a casa, mas não em todos os âmbitos, mantendo certa privacidade. É resultado também da especificidade de cada cômodo, algo impensado anteriormente, que acabou por aumentar o número de cômodos na casa.

Assim, mesmo que o corredor do segundo pavimento tenha uma cadeira de leitura, estante com livros, um filtro e os disjuntores de energia, este mantém as duas funções citadas anteriormente: ligação e garantia da privacidade dos demais cômodos.

Outro dispositivo de circulação interna usado nesta edificação é a escada, em tipologia caracol e de madeira, unido os dois pavimentos. Ambos dispositivos de circulação - corredores e escadas - eram mais usados em casas de classe alta, que eram maiores, a combinação destes demonstra também uma maior racionalização da planta de acordo com o uso e funcionalidade dos ambientes.

¹² Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fatos marcantes na organização da sociedade, interferiram diretamente nas transformações que o espaço de morar sofreu e sua consolidação no século XX. No que se refere ao período em estudo, notou-se, que ao longo do século XIX, a sociedade brasileira passou por grandes modificações iniciadas com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, que valorizou eventos sociais e o ato de receber em casa.

Um ano após a Abolição, deu-se a Proclamação da República em 1889, modificando o regime de governo, deixando de ser um Império para se tornar uma República democrática. Iniciou-se no país um desejo por inovações, importando-se muitos costumes europeus, como estilos estéticos da casa, implantação de jardins na parte frontal, louças e acabamentos para cozinha e banheiros, trazendo um salto na sofisticação destes espaços. A alteração dos costumes provocou tais modificações nos espaços residenciais da elite que desejava adquirir o *status* de "civilizada", cosmopolita e moderna.

Tal fato trouxe a valorização do setor social, que era simples no período colonial e tornou-se, então, o espaço mais luxuoso da casa. O contraponto entre o desejo de receber e manter a privacidade da família, também foram costumes que determinaram o surgimento e uso de corredores, e manteve os ambientes sociais posicionados na parte da frente da casa, sendo a transição entre o que é público e a intimidade do lar, disposição que é empregada até os dias atuais.

A abolição da escravidão, em 1888, somada às novas tecnologias e racionalização dos serviços domésticos foram responsáveis por uma grande transformação para o setor de serviço, fazendo com que tal setor reduzisse consideravelmente de tamanho: sem a presença dos escravizados ele se integra totalmente à dinâmica da casa, aproximando-se fisicamente do setor íntimo. As cozinhas hoje estão perfeitamente integradas às salas de estar, abolindo totalmente a segregação dos espaços de serviço.

Outra grande mudança da casa foi sua passagem de unidade produtiva para unidade consumidora: o quintal, que era uma extensão do setor de serviço, tornou-se um local de lazer e conforto. Como a área de serviço foi reduzida, a área social ganhou vários cômodos e maior destaque.

Com o desenvolvimento do estudo foi possível perceber que a cozinha, os banheiros também passaram ao longo dos anos de meros anexos das residências a importantes espaços. Tal fato se deu também pela consolidação de conceitos sanitários, introduzidos com o crescimento da vida urbana no início do século XX, somando-se ainda o surgimento da água encanada, que

exigiu a aproximação destes dois ambientes devido ao alto custo das instalações. Os banheiros no século XX ganharam tamanho e se multiplicaram, principalmente nas casas de classe alta, como foi possível perceber no estudo de caso.

Muitas destas inovações trouxeram grande conforto para os moradores, como a água encanada, a água aquecida inicialmente por serpentina e posteriormente por energia elétrica que surgiu ainda no início do século XX.

Com a valorização da privacidade e do conforto, o setor íntimo também se tornou importante neste início do século XX, proporcionando maior privacidade aos moradores por meio da sua independência com relação aos demais setores.

A casa estudada, o Solar dos Bias Fortes, refletiu a maneira como as novidades foram incorporadas pela sociedade da época, evidenciando, ao mesmo tempo, quais aspectos tradicionais foram mantidos.

Pode-se afirmar que a casa, concluída em 1915, é uma edificação com características culturais da transição do século XIX para o XX, tendo muito das inovações introduzidas no século XIX. Um dos pontos que se destacam é a atribuição da funcionalidade a cada compartimento, que já foram concebidos com uma função pré-determinada; setores social, íntimo e de serviço bem consolidados; setor social da casa mais amplo como demonstração de *status* e poder, valorizando o ato de receber; uso de dispositivos de circulação, como corredor, escadas e *halls*, demonstrando uma alteração do entendimento de espaço doméstico e sua privacidade, permitindo circular na casa, sem passar por diversos cômodos, gerando autonomia para cada um deles.

Vale ressaltar que a solução adotada por cada sociedade na reformulação da casa envolve múltiplos fatores que relacionam entre si no cotidiano familiar, como atividade econômica, clima, costumes, tecnologias disponíveis e etc. Mas tal estudo demonstra que todos estes fatores são demandas que a sociedade lhe apresenta, então tal espaço será sempre definido pela dinâmica de uma comunidade, em determinada época, conforme se manifesta sua vida privada.

É importante destacar que embora a residência analisada seja uma residência de exceção, os padrões de comportamento disseminados pelas classes mais privilegiadas e as soluções por elas adotadas, principalmente no que se refere a inovações de alto custo, são posteriormente inseridas também nas habitações mais simples.

A casa é um reflexo da sociedade, sua formação é um fenômeno sociocultural, assim como a religião, as relações de família, os papéis sociais dos gêneros e

a relação entre indivíduos que exercem grande influência em sua criação. As soluções dadas para este espaço não dependem apenas dos materiais e da tecnologia disponível, mas também são determinadas pelo meio cultural em que está inserido. *“Entretanto, anterior à alteração espacial ocorre uma transformação no modo de vida, que é independente do espaço, ou seja, primeiro o modo de vida se modifica, depois o espaço se adapta a ele”* (HOMEM, 1996).

Assim, as questões sociais, culturais, econômicas e políticas, devem ser levadas em consideração ao analisar as construções de uma determinada época e, também, para a proposição destes espaços, sendo importante que tal fato seja levado em consideração pelos profissionais que o fazem.

APÊNDICE 1: ENTREVISTA

No início da entrevista buscou-se entender informações gerais sobre a casa:

Vamos começar falando um pouco sobre a casa, sobre sua construção.

_ A casa foi construída pelo meu bisavô, por causa do seu casamento, ele tinha a casa da fazenda também, mas com sua vida pública e o desejo de se engajar na política era necessário vir para cidade. Acreditamos que ela tenha um valor histórico para o Município de Barbacena, não só para nossa família, por isso pedimos o seu tombamento, mas só conseguimos a nível municipal, em 2007 e mesmo assim permitiram a construção desse prédio ao lado que danificou muito a casa, gerando várias trincas.

_A casa praticamente veio do exterior, muitos elementos usados vieram de navio para a construção da casa como: o gradil da escada, os revestimentos das paredes, as pedras usadas nas escadas, os ladrilhos hidráulicos das varandas, banheiros e cozinha, até mesmo alguns móveis, mas não sabemos ao certo quais.

A casa sofreu alguma modificação considerável nestes últimos anos?

_ Não, somente reformas pontuais para conservação. Eu já morei aqui com a minha família, quando era criança. Moramos neste andar (o térreo), porque o de cima sempre quisemos preservar intacto, pois lá se encontram muitas coisas pessoais dos meus bisavôs. Neste andar aqui já funcionou também o gabinete da minha mãe quando foi prefeita e ano passado o meu (o entrevistado tinha o cargo de vereador). Todas as paredes, janelas e portas permanecem no mesmo local. Foi acrescentado um box no banheiro desse andar quando morávamos aqui. Também fechamos aquela escada caracol, com tábuas de madeira, para impedir o acesso ao segundo andar, como uma forma de preservá-lo.

Começou-se a aprofundar a entrevista, passando por cada cômodo, iniciando pelo segundo andar, o mais preservado e onde a família passava maior parte de seu tempo.

_ Esta é a sala de jantar, aqui a família fazia refeições importantes, com visitas ou alguma ocasião especial. Onde também D. Queridinha (esposa de José Francisco Bias Fortes), recebia outras mulheres para um chá. Nesta cristaleira tem uma peça de xícara de cada jogo que ela era presenteada, como eram muitos não tinha como guardar todos, então ela deixava exposto um de cada, alguns tem detalhes em ouro. Esta varandinha na lateral, era usada pelos homens para fumar após o jantar, ou pelas mulheres para contemplar o jardim após o chá da tarde.

Este teto todo trabalhado sempre foi assim?

_ Sim, desde a construção da casa, o da sala de visitas também, estes dois ambientes onde se recebia as pessoas, são os mais decorados como: mobílias bonitas e este teto com relevo.

_ Esta é uma ante sala, que separa a sala de jantar da sala de visitas, essas duas poltronas e esse chapeleiro que também era usado para guarda-chuvas e outros objetos que deixavam ali antes de entrarem para a sala de visitas.

_ Esta é uma saleta com este piano, mas também já foi quarto, pois teve uma cama aqui por um tempo depois ela foi tirada.

_ Esta é a sala de visitas, a sala mais nobre da casa, tem este teto todo trabalhado, paredes escuras, móveis finos e essa disposição bem diferente das poltronas, todas estão em volta de uma estátua, que ele ganhou do Colégio Militar ao se tornar governador. Estas outras estátuas também foram ganhadas, presentes de pessoas importantes ou instituições. Aqui ele recebia pessoas importantes na política, era mais frequentada por homens esta sala, tem vista para a rua, quando era governador e ia discursar para o povo fazia naquela varandinha, era só abrir as duas portas.

Seguindo a entrevista, terminada esta parte social do segundo andar da casa, seguiu-se para a parte íntima.

_ Este é o quarto do casal, ele tem duas portas, uma para a sala de jantar e uma para o corredor, era uma forma de manter maior controle de tudo, pois desta porta é possível visualizar o quarto do filho. Além da cama de casal tem essa de solteiro que era usada ocasionalmente para algum filho doente. E esta espécie de sofá (recamier), onde D. Queridinha ficava descansando ou recebendo tratamento de beleza por algum empregado.

Estes móveis nas laterais da cama sempre existiram? E este outro o que seria?

_ Sim, estes criados sempre estiveram aí. E este outro era uma espécie de oratório, com algumas imagens e estes livros de oração.

Seguiu-se então para o cômodo acoplado ao quarto do casal.

_ Este era o cômodo que ficava as roupas, onde eles se trocavam, parece com os closets de hoje em dia. Tinha esses dois guarda-roupas que imaginamos que um era usado por ele e outro por ela. Este móvel que ficava apoiada esta bacia, com jarra de água e esses potes com sabonetes, alguns tem até o brasão da família cunhado neles. O que dizem é que o costume da época não era de banho todos os dias, lavavam o rosto, pés e mãos para dormir. Estes tijolos embaixo do móvel era uma forma que usavam para aquecer os ambientes, esquentavam eles no fogão e colocam nos ambientes, debaixo das camas e etc.

_Essa penteadeira era usada pela D. Queridinha, para se arrumar, onde ficavam os perfumes dela. Esta estrutura de ferro nesta outra lateral, é o local onde tinha uma pia de louça, mas que quebrou, onde eles pegavam a água para se lavarem.

Seguiu-se para o corredor, que era acessado tanto pela sala de jantar, quanto pelo quarto do casal.

_ Aqui é o corredor, que tem acesso a este outro quarto, usado por um dos filhos, aos banheiros, a cozinha e onde está a escada caracol, que desce para o andar térreo. A escada foi tampada com essas tábuas, para preservar este andar, impedindo o acesso a ele. Tem essas gravuras pintadas nas paredes, que são de algumas paisagens. Ali naquela parede tem um quadro de energia, e pendurado do lado é um filtro de água. Nesta estante ficava alguns livros de gosto pessoal. E aqui, do lado externo ao banheiro, tem esse lavatório com espelho, que provavelmente era usado ao sair do banheiro.

_Neste cômodo do banheiro tem somente a banheira, com chuveiro em cima e um bidê. Estes revestimentos são todos da época mesmo.

_No cômodo ao lado é que tem o vaso sanitário, separado. E com o lavatório externo a esses dois cômodos, parece ser uma forma de facilitar o uso, enquanto alguém se higieniza o outro está usando sanitário.

_E aqui nesta porta é a cozinha, nem todos estes móveis são daqui. Mas o fogão e a pia são os mesmos de quando construiu a casa e se encontram no mesmo lugar. Aqui no meio tinha uma mesa maior que estragou. E aquela porta é a da despensa, onde guardava os mantimentos, e tinha uma mesa onde os empregados faziam refeição, infelizmente era um costume da época né.

Encerrou-se então o tour pelo segundo andar da casa, seguiu-se para o térreo.

_ Aqui é uma espécie de hall, que separa a parte mais acessível ao público da parte mais íntima da casa, então essa porta que dá para o corredor interno era mantida fechada.

_Aqui na esquerda tem essa sala grande, que tinha sofás e funcionava como uma espera ou sala de reuniões para um maior número de pessoas. À direita uma pequena antessala, que também tem essa estante com uma biblioteca, por ser advogado ele possuía muitos livros.

_A ante sala dá acesso ao escritório dele, que inicialmente foi usado para exercer sua profissão de advogado, mas logo em seguida, ao entrar para a vida política, começou a funcionar como uma espécie de gabinete. O escritório até tinha essa porta que abre para a parte externa, para o alpendre, facilitando o acesso dos clientes e depois do público. Nesta parte de baixo ele

recebia mais o “povão”, e as pessoas mais importantes, como falei, recebia naquela sala nobre no segundo andar.

Seguiu-se então para o corredor interno, que dá acesso a dois quartos, banheiro, copa e quintal e onde chegava à escada caracol.

_ Este andar debaixo foi todo usado como gabinete no mandato da minha mãe e também no meu. Estes dois cômodos fizemos de salas de reunião, mas foram construídos para serem quartos dos filhos ou visitas, mas foram usados desta forma.

_Aqui tem este banheiro, que foi modificado somente os acabamentos, e teve um box acrescentado, mas esta banheira, pia e vaso sempre existiram nestes locais.

_Nesta porta tem a copa, onde eram feitas algumas refeições da família, de forma mais informal, ali tem-se um quarto (que abre direto para a copa) que era usado por algum chofer ou alguém que precisasse pernoitar.

_Aqui ligado a copa tem esse cômodo com tanques e bojos de pia, onde lavavam roupas e também vasilhas, que é ligado ao quintal por esta escada, e aqui nesta parte externa tem um banheiro que era usado pelos empregados. Embaixo da copa tem o porão que morava um caseiro com a família, não sabemos ao certo de qual o período que eles permaneceram ali.

_Na parte externa da casa, o que foi mantido são as garagens, o jardim lateral e a baia de cavalo que está no quintal, nada disto foi demolido ou modificado, somente as telhas da garagem que são amianto e eram cerâmicas, o telhado da casa também foi todo trocado e as telhas cerâmicas atuais são novas.

REFERÊNCIAS

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. **A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

CIDADES E ESTADOS. **IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/barbacena.html>>. Acesso em: 25, junho de 2021.

CLIMA BARBACENA. **Climate - Data**, 2021. Disponível em: <<https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/minas-gerais/barbacena-2894/>>. Acesso em: 23, agosto de 2021

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil 1870-1950**. São Carlos: RiMa, 2004.

Entrevista concedida por BIAS FORTES, Joana. [jan. 2021]. Entrevistador: Giselle Viana Abreu. Barbacena, 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

FERNANDES, Antônio Teixeira. **Espaço social e suas representações**. Porto-Portugal: Revista da Faculdade de letras da Universidade do Porto, 1992.

GOMIL. **Dicio: Dicionário online de português**, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/gomil/>>. Acesso em: 25, junho de 2021.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

José Francisco Bias Fortes: Centenário/ LAPHIS -Laboratório de Pesquisa Histórica.- Belho Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1991.

JUNQUEIRA Schettino, Patrícia Thomé e ALHO, Maria Cristina Wolff de. Ramos de Azevedo. **A Mulher e a casa: estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX**. São Paulo: EDUSP, 2000.

LANDO, Isa Mara apud Bill Bryson. **Em casa: Uma breve história da vida doméstica**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

LEMOS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989b. 83p. (Repensando a história).

LEMOS, C. A. C. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX . **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 95-106, 1993. DOI: 10.1590/S0101-47141993000100009.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5277>> .

Acesso em: 13, março de 2021.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Edições Melhoramentos, 1979. p. 103-158. (Arte e Cultura).

MARTINS, Anamaria de Aragão Costa. **A forma de morar: a transformação da casa brasileira à luz das normas reguladoras da estética da paisagem e das edificações**. Universidade Arquitetura e Comunicação Social, Brasília, 2010.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A família real no Brasil : política e cotidiano (1808-1821)** / Juliana Gesuelli Meirelles — São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2015.

NOVAES, Elisabete David. **Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história**. 2014.

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v4i3.1691>>.

Acesso em: 01, março de 2021.

NOVAIS, Fernando A. et al. (Ed.). **História da vida privada no Brasil-vol. 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Editora Companhia das Letras, 2018.

RAMOS, Rui Jorge Garcia. **Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX. Volume 1**. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Dissertação de Doutorado, 2004.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa - Pequena história de uma ideia**, Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SANTOS, Suellen Dayse Versiani dos. **A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte: influência dos antecedentes coloniais e o papel do neoclassicismo e do ecletismo** / Suellen Dayse Versiani dos Santos. - 2011. 236f. : il.

SAVASSI, Altair José. **Barbacena: 200 anos**. Volume 1. Belo Horizonte: Editora Leni, 1989.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5ª Edição. 2ª Reimpressão. São Paulo, Edusp, 2009.

TEIXEIRA, Carlos M. "**História do Corredor / Carlos M. Teixeira**" 13 Jun 2013. ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br>>. Acesso em: 18, fevereiro de 2021.

VAINFAS, R. **Moralidades brasílicas**. In: MELLO E SOUZA, L. (Org.) Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v.1.

VERISSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Ediouro, Rio de Janeiro; 2ª edição, 1999.

VIEIRA, Maria Elena Merege. **O jardim e a paisagem**. São Paulo: Annablume, 2007.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Espaço interurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

VILAR, Leandro. **Os banhos públicos na Roma Antiga**. 2014. Disponível em: <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2014/>.

ZABALBEASCOA, Anaxu. **Tudo sobre a casa**. Editora Gustavo Gili. 1ª edição. 2013.